UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA "JÚLIO DE MESQUITA FILHO"- UNESP
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS
CAMPUS DE MARÍLIA

ISABELLA VALINO TEIXEIRA DE BESSA

AS AVENTURAS DA VELHICE NA INVENÇÃO DE SI E DO ESPAÇO:
a memória como subjetividade no mundo

Marília
2020

ISABELLA VALINO TEIXEIRA DE BESSA

AS AVENTURAS DA VELHICE NA INVENÇÃO DE SI E DO ESPAÇO:
a memória como subjetividade no mundo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP – Campus de Marília – para obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Filosofia e História da Educação no Brasil.
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo.

Marília
2020

B557a

Bessa, Isabella Valino Teixeira de
As aventuras da velhice na invenção de si e do espaço : A memória como subjetividade no mundo / Isabella Valino Teixeira de Bessa. -- Marília, 2020
120 p. : il., fotos + 1 CD-ROM

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília
Orientador: Rodrigo Pelloso Gelamo

1. velhice. 2. memória. 3. subjetividade. 4. arquitetura. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca da Faculdade de Filosofia e Ciências, Marília. Dados fornecidos pelo autor(a).

Essa ficha não pode ser modificada.

ISABELLA VALINO TEIXEIRA DE BESSA

AS AVENTURAS DA VELHICE NA INVENÇÃO DE SI E DO ESPAÇO:
a memória como subjetividade no mundo

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP – Campus de Marília – para obtenção do título de Mestre em Educação.
Área de Concentração: Filosofia e História da Educação no Brasil.
Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo.

BANCA EXAMINADORA

Orientador:
Rodrigo Pelloso Gelamo, Doutor em Educação e UNESP (Marília-SP).

1º Examinador:
Rodrigo Barbosa Lopes, Doutor em Educação e UNESP (Presidente Prudente-SP).

2ª Examinadora:
Terezinha de Oliveira Gonzaga, Doutora em Arquitetura e Urbanismo e UNIFEV (Votuporanga-SP).

Marília, 28 de fevereiro de 2020.

‘

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Rodrigo Pelloso Gelamo, pela orientação e pela abertura da pesquisa a novas experiências.

À Profa. Dra. Terezinha Gonzaga, pela participação na banca de qualificação e, também, pelo apoio desde a graduação.

Ao Prof. Dr. Rodrigo Barbosa Lopes, pela participação na banca de qualificação e pelas contribuições necessárias de interesse pelo crescimento da pesquisa.

Às Professoras Maria Júlia Barbieri Eichemberg e Laura Fernanda Cimino, pela amizade e apoio para seguir no caminho da pesquisa.

À minha Avó, dona Cleide, pelas pausas com café e pelo amor de contar histórias.

Aos meus pais, Fabiana e Reginaldo, pelo apoio e esforço em todas as minhas escolhas.

Ao meu companheiro Luis Felipe.

‘

RESUMO

Enunciando de maneira singular, procuramos desenhar a estética como instrumento do pensamento, mapeando os agenciamentos das memórias na medida em que potencializam o corpo a reorganizar-se e a reorganizar o espaço ao seu redor, agenciamentos, esses, que constroem relações vinculativas entre os espaços habitados pela velhice e as memórias que se atualizam. É neste sentido que se busca, nesta pesquisa, compreender o modo como tal corpo torna-se **arquiteto de si e do mundo,** por meio da seguinte questão: *o agenciamento como processo de subjetivação é capaz de reconfigurar, por meio das experiências, o espaço habitado pelos indivíduos na velhice?* O espaço de morar reabre a possibilidade de construir saberes pelas ferramentas do imaginário, da memória e do corpo, produzindo experimentações que apreendem o espaço, caracterizando, dessa forma, a subjetivação pelos acontecimentos que tangencia. A cartografia pode nos ajudar a compor esse mapeamento das memórias e tradução desses agenciamentos (em poesia) da velhice, conseguindo dar língua aos afectos que circulam, inventando uma nova poética, na qual o sentimento consegue comunicar. A principal questão deste trabalho está centrada no olhar sensível sobre o espaço: a proposta de uma cartografia desenhada a partir do universo das avós resgata, de modo muito particular, um olhar poético que transita entre o esquecimento e a vida.

Palavras-chave: velhice, memória, subjetividade, arquitetura, Deleuze.

‘

ABSTRACT:

Enunciating in a unique way, we seek to draw aesthetics as an instrument of thought, mapping the assemblages of memories as they empower the body to reorganize and reorganize the space around them, these assemblages build binding relationships between the spaces inhabited by old age and the memories that are updated. It is in this sense, that this research seeks to understand how such a body becomes an **architect of itself and of the world**, through the following question: *Agency as a process of subjectification is able to reconfigure through space the experiences inhabited by individuals in old age?* The living space reopens the possibility of building knowledge through the tool of the imaginary, memory and body, producing experiments that apprehend space, thus characterizing subjectivation by the events it touches. Cartography can help us compose this mapping of memories and translation of these assemblages (in poetry) of old age, managing to give language to the affects that circulate, inventing a new poetics, where the feeling can communicate. The main issue of this work is centered on the sensitive look on space and the proposal of a cartography drawn from the universe of grandmothers rescues in a very particular way, a poetic look that transits between forgetfulness and life.

Keywords: old age, memory, subjectivity, architecture, Deleuze.

‘

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 11

CAPÍTULO 1 - A ARQUITETURA COMO SER NO MUNDO: O ESPAÇO COMO POTÊNCIA DA VELHICE 18

1.0 O espaço comunicante na arquitetura e na velhice 20

1.1 A velhice como potência do habitar: uma ética do espaço 26

1.2 Resistências no habitar 31

1.3 A narrativa como imaginação e criação na arquitetura e na velhice 36

CAPÍTULO 2 – O CORPO COMO FORÇA CRIADORA NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO 52

2.0 A vida como potência de si mesma 53

2.1 Corpo-potência 55

2.2 Experiências subjetivantes: um percurso pelos agenciamentos das Avós 61

CAPÍTULO 3 – A POESIA COMO REVELAÇÃO DO LUGAR PELA PALAVRA 79

3.1 As avós e as casas: narrativas costuradas em algodão 82

CONSIDERAÇÕES 107

REFERÊNCIAS 111

ANOMALIAS DO PENSAMENTO 112

‘

O HAVER
(Vinícius de Moraes)

Resta, acima de tudo, essa capacidade de ternura
Essa intimidade perfeita com o silêncio.

Resta essa voz íntima pedindo perdão por tudo. - Perdoai! Eles não têm culpa de ter nascido…

Resta esse antigo respeito pela noite, esse falar baixo, essa mão que tateia antes de ter, esse medo de ferir tocando, essa forte mão de homem cheia de mansidão para com tudo que existe.

Resta essa imobilidade, essa economia de gestos, essa inércia cada vez maior diante do infinito, essa gagueira infantil de quem quer balbuciar o inexprimível essa irredutível recusa à poesia não vivida.

Resta essa comunhão com os sons, esse sentimento da matéria em repouso, essa angústia da simultaneidade do tempo, essa lenta decomposição poética em busca de uma só vida, uma só morte, um só Vinicius.

Resta esse coração queimando como um círio numa catedral em ruínas, essa tristeza diante do cotidiano; ou essa súbita alegria ao ouvir na madrugada passos que se perdem sem memória.

Resta essa vontade de chorar diante da beleza, essa cólera cega em face da injustiça e do mal-entendido, essa imensa piedade de si mesmo, essa imensa piedade de sua inútil poesia e de sua força inútil.

Resta esse sentimento da infância subitamente desentranhado de pequenos absurdos, essa tola capacidade de rir à toa, esse ridículo desejo de ser útil e essa coragem de comprometer-se sem necessidade.

Resta essa distração, essa disponibilidade, essa vagueza de quem sabe que tudo já foi como será e virá a ser e ao mesmo tempo esse desejo de servir, essa contemporaneidade com o amanhã dos que não têm ontem nem hoje.

Resta essa faculdade incoercível de sonhar de transfigurar a realidade, dentro dessa incapacidade de aceitá-la tal como é, e essa visão ampla dos acontecimentos, e essa impressionante.

E desnecessária presciência, e essa memória anterior de mundos inexistentes, e esse heroísmo estático, e essa pequenina luz indecifrável a que às vezes os poetas dão o nome de esperança.

Resta essa obstinação em não fugir do labirinto na busca desesperada de uma porta quem sabe inexistente e essa coragem indizível diante do grande medo e ao mesmo tempo esse terrível medo de renascer dentro da treva.

Resta esse desejo de sentir-se igual a todos, de refletir-se em olhares sem curiosidade e sem história. Resta essa pobreza intrínseca, esse orgulho, essa vaidade de não querer ser príncipe senão do seu reino.

Resta essa fidelidade à mulher e ao seu tormento, esse abandono sem remissão à sua voragem insaciável.

Resta esse eterno morrer na cruz de seus braços e esse eterno ressuscitar para ser recrucificado.

Resta esse diálogo cotidiano com a morte, esse fascínio pelo momento a vir, quando, emocionada ela virá me abrir a porta como uma velha amante sem saber que é a minha mais nova namorada.

Queria começar com Manoel, a quem me deu o ar da graça das incompletudes, talvez Drummond, mas ainda assim Manoel. Com ele aprendi a inventar memórias, a compor silêncios, a dar respeito às coisas desimportantes.

Apanhando desperdícios, fui amontoando um punhado de coisas: plantas, estórias, pessoas, cheiros. Aprendi a ver velocidade na lentidão e a ser Outros. Sendo Outros, consegui ser eu mesma. Aprendi melhor no ver, no ouvir, no provar e no cheirar. Quando tudo que tinha apanhado me transbordou, resolvi escrever; peguei papel, caneta, plantas, agulha e linha, pincel e tinta e uma malinha com memórias inventadas. Aventurei-me um ano nas lembranças que havia escutado de minhas Avós. Usei a palavra e ela me usou. A cartografia me aceitou com poesia. Desinveitei objetos e repeti até ficar diferente. No meio disso tudo, encontrei, no "entre", possibilidades de contar aos outros essas estórias que apanhei de minhas Avós. Abri logo um sorriso e enchi meu estômago de auroras. Peguei minha malinha de memórias inventadas e cheguei até aqui.

Meio perambulando, fui dando sentindo às palavras que me apareciam - quis juntar todas numa só - ora, acabou virando um reboliço, então fui separando uma a uma: à palavra *agenciamento,* dei sentido às coisas que afetavam a velhice de minhas Avós; à *aprendizagem,* dei os passos lentos que elas desenhavam dentro do espaço; à *invenção,* dei as estórias que se fazem parte no presente quando resgatadas por seus gestos desocupados; e logo bem acanhada, no canto, estava lá a palavra *memória.* Causando esse alvoroço todo, encontramos a culpada dessa decomposição lírica. **À essa palavra, dei o sentido de casa.**

Retorno agora à Manoel:

"O olho vê, a lembrança revê, e a imaginação transvê.

É preciso transver o mundo".

ROTA DE COLISÃO

De quem é esta pele
que cobre a minha mão
como uma luva?
Que vento é este
que sopra sem soprar
encrespando a sensível superfície?
Por fora a alheia casca
dentro a polpa
e a distância entre as duas
que me atropela.
Pensei entrar na velhice
por inteiro
como um barco
ou um cavalo.
Mas me surpreendo
jovem velha e madura
ao mesmo tempo.
E ainda aprendo a viver
enquanto avanço
na rota em cujo fim
a vida
colide com a morte.

Marina Colasanti.

Há coisas que a ciência não consegue dizer. Mas a poesia consegue.

INTRODUÇÃO

Durante o texto, vocês encontrarão palavras destacadas em vermelho, que, para evitar notas de rodapés extensas, optamos por criar uma sessão de "anomalias". Encontradas ao final desta pesquisa, essas anomalias são como um glossário, no qual pretendemos conversar com essas palavras a partir do pensamento e dos conceitos dos autores que as usam, compondo com o nosso entendimento, dançando com os conceitos e pensando com eles (e não sobre eles). Não pretendemos significá-las, mas, sim, produzir sentidos sobre elas, estabelecendo um diálogo com a nossa pesquisa e nossa própria experiência, deixando aberto para o leitor identificar-se com tais pensamentos/anomalias.

A invenção de si e do espaço na velhice ocorre nessa rachadura onde o sol invade e, principalmente, na desobediência que atravessa esses indivíduos quase incontrolavelmente. Essa franja que permeia o existir, trama linhas na velhice, fazendo com que o tempo seja percebido de outra maneira devido às vivências já instauradas nas marcas do corpo e nas multiplicidades adquiridas no percurso da vida. Apreende-se o espaço, então, na criação, nessa dança singular dos acontecimentos.

Esses processos dão conta de romper com os signos pré-estabelecidos, criando signos novos que nos movimentam o pensamento e o corpo diante de tais acontecimentos, a exemplo da atualização da memória por meio de coisas sutis, como cheiro, gestos, olhares, cores... Somos jogados para um passado que não existe mais, um tempo já vivido que habita apenas uma lembrança e que, ao ser retomado por um gesto, se transforma na criação de

uma lembrança nova, pois não consegue retornar com precisão ao que já foi vivido. Então, para sustentar essa nova sensação, recria tal acontecimento. A subjetividade encontra-se nessa relação estabelecida com o entorno e as coisas que nele habitam: o tapete, o vaso, os porta-retratos.

É neste sentido, que se busca, nesta pesquisa, compreender o modo como tal corpo torna-se arquiteto de si e do mundo, por meio da seguinte questão: **o agenciamento como processo de subjetivação é capaz de reconfigurar, por meio das experiências, o espaço habitado pelos indivíduos na velhice?** Nossa hipótese é de que, na medida em que as memórias dançam no corpo, o corpo se relaciona com o espaço, estabelecendo por meio dessas experiências um processo de singularização ou subjetivação, em que não existe mais um único agente causador, mas, sim, um conjunto, no qual o processo de reinvenção do mesmo se sustenta. Esses processos são capazes de recriar a própria condição desses indivíduos numa memória-agenciamento. Adquirindo, assim, caráter afetivo, o espaço deixa de ser espaço meramente habitado para torna-se um abrigo/lar.

Para tanto, a fim de compreender a problemática, apresento-lhes, agora, uma hipótese ensaio-poética, no qual o espaço e a velhice dialogam e se completam:

"Inês era a casa dela. É sério, ela era a própria casa. Quando jovem, os pilares eram fortes, as paredes bem pintadas, no teto não havia uma teia, as esquadrias brancas eram intocáveis, a porta de madeira da entrada era robusta e alinhada perfeitamente na guarnição, onde havia um espaço mínimo entre ela e o chão que, quando abria, sequer fazia um rangido, os armários todos marfim

lustrados, o piso tão encerado que refletia os móveis.... ah, os móveis! Todos perfeitamente alinhados. As panelas enfileiradas, todas com suas tampas perfeitas. E o jardim? Nem se fala! Uma roseira dava graça ao lado do alpendre, não tinha um que passava e não apreciava o cuidado... os pinheiros, o portão branco, o vaso de espada de São Jorge na entrada dava o ar da graça! Os lençóis dobrados na cômoda (todos separados por tons claros e escuros), os quadros na sala de jantar eram pregados num alinhamento único, os porta-retratos da família no aparador ilustravam a alegria da casa.... e a presença era constante! A casa tinha vida! Mas, conforme o tempo foi passando e Inês foi envelhecendo, a casa foi envelhecendo com ela; as paredes começaram a descascar, as rachaduras começaram a aparecer, as torneiras e os canos estouraram, algumas panelas foram desaparecendo, outras perderam as tampas, a cortina da sala não escondia mais o sol da manhã, a porta rangia num barulho absurdamente amedrontante, o tecido dos móveis rasgaram.... os armários perderam seu brilho e teias no teto apareceram, os azulejos foram caindo... os porta-retratos foram ficando amarelados e as pessoas que nele refletiam ficaram apagadas. A roseira murchou.

Inês adoeceu e a casa adoeceu com ela. Ninguém mais fora lhe visitar, então o chão passou a não refletir mais ninguém a não ser a dor de Inês e a bengala que ela carregava consigo.

"Enquanto Inês apaga lentamente, a casa apaga-se com ela."

A construção desse ensaio é a exigência de responder às questões levantadas neste estudo. É a tentativa de compreender o novo como pura criação em devir. Ele não é mais a repetição do

cotidiano que, automaticamente, repete os signos já codificados pela crença ou tradição. Ao contrário, aqui, todo pensamento da criação ou da invenção torna-se mobilizado pelo acaso, pelo imponderável e imprevisível encontro entre os signos que são capazes de ativar a produção do novo.

A primeira etapa da presente pesquisa parte do mergulho sensível do objeto por meio da produção de diários, pessoas, experiências, arquiteturas e olhares distraídos pela cidade. Dessa maneira, as impressões e relatos sobre as memórias (as casas, os objetos, os cheiros) são afetados também pela minha subjetividade. Outra ferramenta importante na apreensão da arquitetura e na própria construção da dissertação foi realizada por meio de desenhos, fotografias e poemas; as imagens/desenhos tecem os textos e servem como expressão da memória. Durante o processo desta dissertação, algumas filmagens em 8mm foram gravadas em lugares que visitei, pessoas que conheci e lembranças que quero guardar. Essas filmagens serviram-me para compor 24 curtas com poemas sobre a velhice, narrados pela voz de minha Avó.

Esse problema de origem provém da minha relação com a arquitetura (minha formação de base) e as casas de Avós, experiência na qual adquiri quando partilhei o meu *morar* junto à minha vózinha durante 10 anos, observando seus silêncios e sua relação com os objetos, com o tempo e com a casa. Ao longo dessa fase, absorvi valores humanos e aprendi sobre aceitação, paciência e amor - diante disso, busquei em diversos campos respostas e sentido a toda essa experiência partilhada: na poesia, na arquitetura e, agora, na filosofia.

Para tanto, dei início a esta pesquisa no ano de 2016, na produção do meu trabalho de conclusão, no curso de Arquitetura e Urbanismo, sob o título "Geografia dos Afetos: uma cartografia das casas de Avós". Durante esse processo, surgiram dois livros que buscaram compor essas anomalias cartográficas, a fim de capturar singularidades expostas na velhice, que são eles: "O Livro das Coisas", a primeira entrega com fotos, detalhes, objetos, lugares, processos e experiências, e "O Livro das Pessoas", segunda entrega com poemas, relatos da vida, descrição de ambientes, diários e desenhos. O terceiro capítulo desta dissertação atualiza esse trabalho.

A arquitetura por si só não conseguiu me dar respostas a esses fenômenos da casa como subjetividade expressada no cotidiano, para tanto, busquei na filosofia, especificamente em Deleuze e Guattari, um diálogo no qual me permitia experimentar o pensamento, o corpo, a casa, a velhice e o indivíduo como um acontecimento singular, uma resistência.

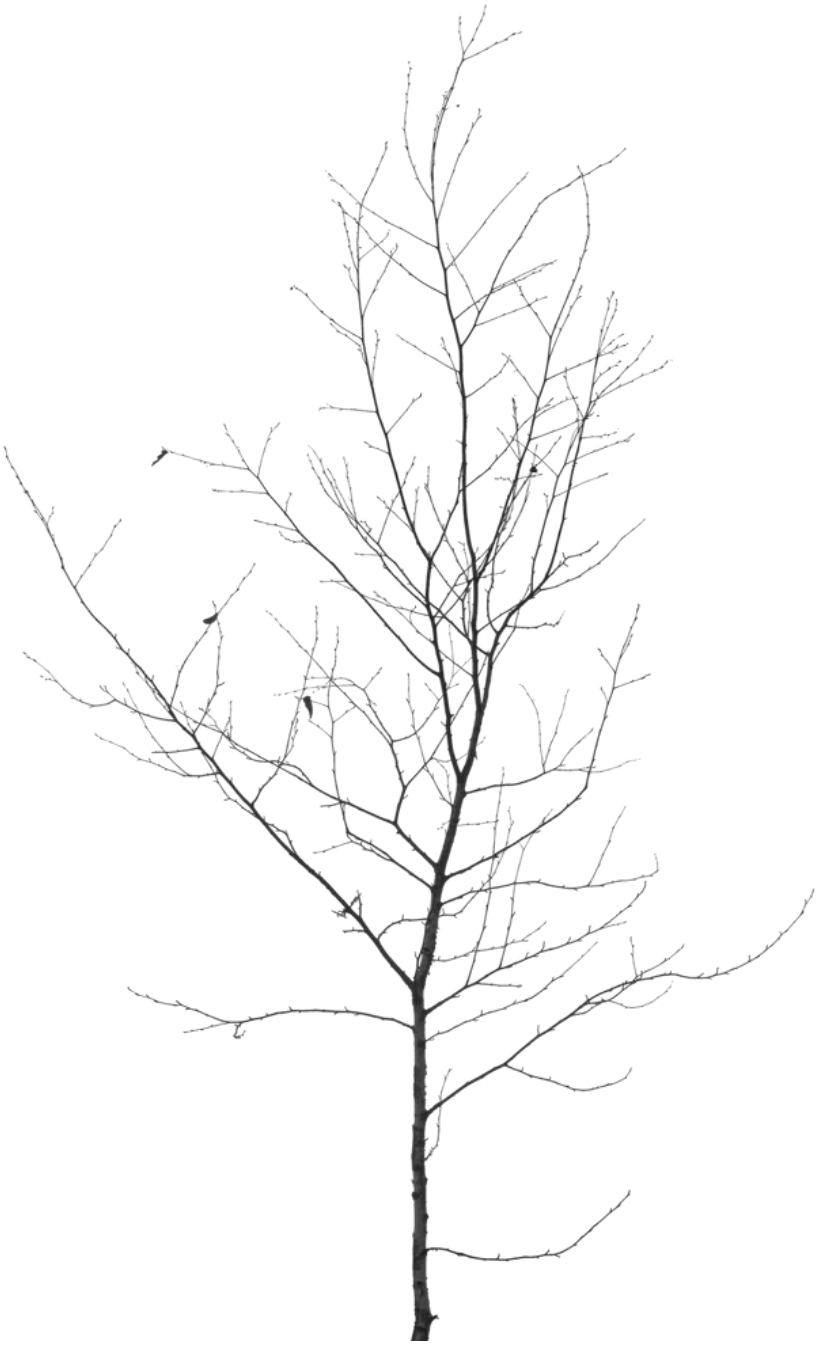
Sei os riscos que corro ao adentrar o universo da filosofia por meio de um aparato poético e arquitetônico, especialmente para mim que não sou da filosofia. Entretanto, o pensamento dos autores que evoco durante esse estudo me acolhe para que isso aconteça. Por isso, gostaria que o leitor olhasse para essa relação que tenho com a filosofia, como a de alguém que flerta com uma área estranha ao seu pensamento, mas que me oferece condições de pensar coisas. Enfim, gostaria que olhassem para mim como se eu fosse um estrangeiro que está aprendendo a falar uma língua nova. É diante desse risco que ofereço um diálogo com o leitor por meio das proposições filosóficas e dos poemas

espalhados, para que, ao final de sua leitura, trace sua própria trama de linhas invisíveis desenhadas nestes papéis.

Os capítulos deste trabalho irão navegar sobre três barquinhos principais, que são eles: a velhice, a casa e a subjetividade, traçando a questão principal da pesquisa: a *memória*.

O primeiro capítulo irá discutir a relação entre arquitetura, memória e velhice, ou seja, de que forma é pensada a arquitetura por nós arquitetos; como são os habitantes (no caso, os indivíduos durante a velhice) que fazem a casa virar um lar, e não os ensinamentos normativos de um código de obras que nos é instaurado; e, a partir disso, como esses seres se tornam resistentes ao contexto em que vivem, mostrando suas singularidades ao mesmo tempo em que se exteriorizam na casa.

O segundo capítulo se volta para as questões em torno da subjetividade produzida pela casa/lar e o aporte teórico dos filósofos Gilles Deleuze e Félix Guattari. Nesse momento, a pesquisa se debruçará sobre os conceitos de agenciamento, aprendizagem e memória, para fincar um aporte baseado na criação que essa relação entre arquitetura, memória e velhice causa no espaço e no corpo. Apesar da questão da *subjetividade* atravessar todos os capítulos, será no último que estaremos diretamente envolvidos com ela por meio da poesia, etapa em que apresentarei 24 construções sobre a velhice cotidiana.



Obs.: Entre os capítulos, vocês encontrarão fotos, poemas e desenhos que formarão uma trama de perspectivas à luz da casa, do habitar e da velhice.

CAPÍTULO 1: A Arquitetura como SER-NO-MUNDO:
O espaço como potência da velhice



PREFÁCIO
(Herberto Helder)

Falemos de casas, do sagaz exercício de
um poder tão firme e silencioso como só
houve no tempo mais antigo.
Estes são os arquitectos, aqueles que
vão morrer, sorrindo com ironia e
doçura no fundo
de um alto segredo que os restitui à
lama.
De doces mãos irreprimíveis.
- Sobre os meses, sonhando nas últimas
chuvas, as casas encontram seu inocente
jeito de durar contra
a boca subtil rodeada em cima pela
treva das palavras.

Digamos que descobrimos amoras, a
corrente oculta do gosto, o entusiasmo
do mundo.
Descobrimos corpos de gente que se
protege e sorve, e o silêncio
admirável das fontes - pensamentos nas
pedras de alguma coisa celeste
como fogo exemplar.
Digamos que dormimos nas casas, e vemos
as musas um pouco inclinadas para nós
como estreitas e erguidas flores
tenebrosas, e temos memória
e absorvente melancolia
e atenção às portas sobre a extinção
dos dias altos.

Estas são as casas. E se vamos morrer
nós mesmos,
espantamo-nos um pouco, e muito, com
tais arquitectos que não viram as
torrentes infindáveis das rosas, ou as
águas permanentes, ou um sinal de
eternidade espalhado nos corações
rápidos.
- Que fizeram estes arquitectos destas
casas, eles que vagabundearam
pelos muitos sentidos dos meses,
dizendo: aqui fica uma casa, aqui outra,
aqui outra, para que se faça uma ordem,
uma duração, uma beleza contra a força
divina?

Alguém trouxera cavalos, descendo os
caminhos da montanha.
Alguém viera do mar.
Alguém chegara do estrangeiro, coberto
de pó.
Alguém lera livros, poemas, profecias,
mandamentos,
Inspirações.
- Estas casas serão destruídas.

Como um girassol, elaborado para a
bebedeira, insistente
no seu casamento solar, assim
se esgotará cada casa, esbulhada de um
fogo, vergando a demorada cabeça para
os rios misteriosos da terra onde os
próprios arquitectos se desfazem com
suas mãos múltiplas, as caras ardendo
nas velozes iluminações,

Falemos de casas. É verão, outono,
nome profuso entre as paisagens
inclinadas.
Traziam o sal, os construtores
da alma, comportavam em si
restituidores deslumbramentos em
presença da suspensão de animais e
estrelas, imaginavam bem a pureza com
homens e mulheres ao lado uns dos
outros, sorrindo enigmaticamente,
tocando uns nos outros -
comovidos, difíceis, dadivosos,
ardendo devagar.

Só um instante em cada primavera se
encontrava com o junquilho original,
arrefeciam o resto do ano, eram breves
os mestres da inspiração.
- E as casas levantavam-se
sobre as águas ao comprido do céu.
Mas casas, arquitectos, encantadas
trocas de carne
doce e obsessiva - tudo isso
está longe da canção que era preciso
escrever.

- E de tudo os espelhos são a invenção
mais impura.

Falemos de casas, da morte. Casas são
rosas para cheirar muito cedo, ou à
noite, quando a esperança nos abandona
para sempre.
Casas são rios diuturnos, nocturnos
rios celestes que fulguram lentamente
até uma baía fria - que talvez não
exista, como uma secreta eternidade.

Falemos de casas como quem fala da sua
alma,
entre um incêndio,
junto ao modelo das searas,
na aprendizagem da paciência de vê-las
erguer
e morrer com um pouco, um pouco
de beleza.

1.0 O ESPAÇO COMUNICANTE NA ARQUITETURA E NA VELHICE

Desde o início, separamos o espaço dentro da arquitetura: fragmentamos para se compor algo, como se o espaço fosse apenas um vazio para ser preenchido.

O espaço vazio, inabitado, não possui autonomia, mas, quando passamos a integrá-lo, estabelecemos conexões e criamos agenciamentos em que o habitante, a arquitetura e os objetos tramam linhas que nunca cessam, pois estão em constante aprendizado. Pode ser um objeto construído, como também pode ser apenas laços afetivos: esse espaço aqui trabalhado pode ser uma fotografia, uma música ou um poema, e não, necessariamente, um ato projetual. Afinal, *arquitetar é criar*. Isso possibilita a existência da disponibilidade para o espaço imprevisível.

Em outras palavras, o espaço *"lugariza-se"*, ou seja, transforma-se em espaço informado, capaz de comunicar as diferentes experiências vivenciadas.

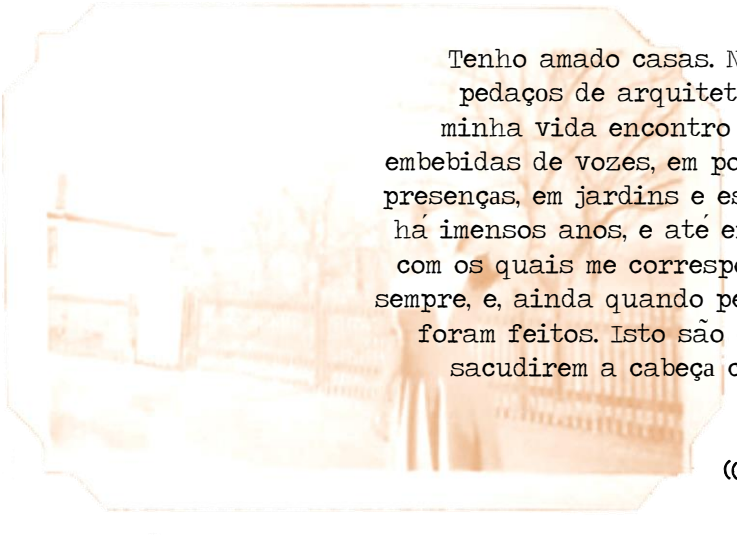
O conceito de lugar dentro da arquitetura, apesar de pouco estudado, tem conceituações ricas de grandes autores e de variados campos do conhecimento (como o do geógrafo Milton Santos e da professora Lucrécia Ferrara). Entretanto, buscamos aqui, no autor Pallasmaa (2017), uma contribuição para a pesquisa na maneira como ele, arquiteto e educador, manifesta as qualidades afetivas possíveis da arquitetura e dos lugares como identidade dos indivíduos. Ou seja, essa inter-relação que estabelecemos com as coisas, objetos, cheiros, cores, texturas, sons etc são pedaços que somam experiências do tempo vivido e que clamam, intensificam e evocam percepções sensoriais singulares potentes.

É neste sentido que podemos reconhecer a habitação por meio das materialidades que lhe (in)formam enquanto meio de acolhimento e de produção de afeto, num feixe de signos que compõem uma espécie de poética do espaço, constituída pela tessitura de materiais e objetos que trazem consigo uma narrativa permeada de aventuras e de afetos comuns à maioria das "Casas de Avós": muros baixos; jardim com roseira na frente da casa; alpendre com cadeiras; cheiro de café pela manhã; sofá enfeitado; toalha rendada; canequinha de ágata; cristaleira; cobogó; e bem-te-vi,

Trata-se de um modo singular de habitar o espaço, pois, contrariamente àquela espacialidade midiática, as Casas de Avós" produzem uma vivência vinculativa e afetiva do espaço.

A casa nos acolhe no ritmo em que dançamos e compomos seus vazios preenchendo-os de nós. Quando fazemos isso, nos relacionamos.

A casa



Tenho amado casas. No meu cortejo vai um vagão só de pedaços de arquitetura. E quando passo em revista a minha vida encontro as minhas dispersões em paredes embebidas de vozes, em portas e corredores com invisíveis presenças, em jardins e escadas que estão sentados comigo há imensos anos, e até em lugares onde nunca estive, mas com os quais me correspondo, e sei que me conhecem desde sempre, e, ainda quando pertençam a outros, para mim é que foram feitos. Isto são crenças inabaláveis. Não adianta sacudirem a cabeça com pena, e dizerem que é sonho. O sonho é toda a minha verdade.

(Cecilia Meireles, Folha da Manhã)

Pensando essa relação que estamos abordando da experiência do corpo no espaço, transformando-o, desse modo, em um lugar aconchegado de vivências afetivas, podemos nos

perguntar *de que modo a arquitetura entende a subjetividade e a memória do indivíduo?*

O pós-modernismo dentro da arquitetura pode nos ajudar a compreender o vínculo que o homem estabelece com a vida real, com os prédios reais, os bairros reais, as ruas reais e não mais imagéticas e idealizadas para um padrão de moradores e usuários, levando em conta toda diversidade cultural e singularidade de cada um.

Esse padrão de moradores colocou em crise o sentido da arquitetura após o esvaziamento do modernismo e a relação com o corpo passou a ser entendida como medida para identificar a qualidade do espaço. Essa discussão de sentido trazida pelo professor e arquiteto Tschumi (1981, apud Nesbitt, 2006), dentro do pós-modernismo, busca redefinir o que é a arquitetura a partir da tríade vitruviana, compreendendo, agora, **utilidade** como expressão e significado; **beleza** como essência; e **estabilidade** como a arquitetura superior ao desenho da construção.

Assim, reforçamos na pesquisa o entendimento da pós-modernidade como um acontecimento que fez repensar o movimento moderno a partir de uma perspectiva pluralista, abrindo o campo de visão para outras manifestações estéticas. Fazer arquitetura, nesse sentido, é materializar o lugar.

Agora, passamos a entender o espaço como um lugar onde surgem acontecimentos. Ele deixou de ser um fragmentado físico, matemático e passou para o nível da percepção e da expressão, possibilitando, desta forma, conexões.

Não precisamos traçar uma linha do tempo na arquitetura para identificar como seu processo foi se desmanchando desde o

momento na qual ela era carregada de um consenso de beleza máxima e perfeição, até o modernismo racional e seu funcionalismo (forma segue função). Precisamos analisá-la partindo, também, de uma teoria que as construções dialogam conosco.

> (...) uma das características do período pluralista imprecisamente designado de pós-moderno é a inexistência de um tópico ou de um ponto de vista predominante. Todas as tendências contraditórias coexistentes no pós-modernismo mostram claramente um desejo de ultrapassar os limites da teoria modernista, inclusive do formalismo e dos princípios do funcionalismo ("a forma segue a função"), a necessidade de uma "ruptura radical" com a história e a expressão "honesta" da estrutura e do material. De modo geral, a teoria pós-moderna da arquitetura trata de uma crise de sentido na disciplina. Desde meados dos anos 60, a teoria vem se caracterizando pela interdisciplinaridade e pelo recurso a um amplo espectro de paradigmas críticos. (NESBITT, 2006, p. 16).

Entretanto, nessa pesquisa que apresento, pretendo chegar à *arquitetura como ser no mundo*, em que possamos nos relacionar, ou melhor, compreender que nós somos os próprios ambientes que habitamos, agenciando tudo que nos rodeia.

> Qualquer experiência implica atos de recordação, memória e comparação. Em experiências memoráveis na arquitetura, espaço, matéria e tempo se fundem numa dimensão única, na substância básica da vida, que penetra em nossas consciências. Identificamo-nos com esse espaço, esse lugar, esse momento, e essas dimensões se tornam ingredientes de nossa própria existência. A arquitetura é a arte de nos reconciliar com o mundo, e esta mediação se dá por meio dos sentidos. (NESBITT, 2006, p. 67-68).

Compreendemos o espaço à medida que habitamos e buscamos na arquitetura materializar nossos desejos, nossas inquietações, nossa identidade e ela nos proporciona uma descoberta de nós mesmos quando paramos para observar o que nos rodeia.

Experiências tocantes com o espaço promovem significados e memórias que são capazes de alterar nossas percepções enraizadas, transformando-as em singularidades que servem de potência para nossa compreensão da vida, ou seja, essências que deixamos ao nosso redor são capazes de apresentar características de nossa singularidade.

Os olhos acabam se esquecendo de como eram as coisas, mas o corpo ainda lembra, nossa memória sensorial emerge fragmentos para dar sentido à nossa experiência atual. Projetamos significados e significações em tudo que encontramos, não falamos mais de sujeitos, mas de multiplicidades.

A linha de fuga produz a diferença na repetição do cotidiano, nós temos um sujeito (velhice), um espaço (casa) e um objeto (memórias) que agenciam esse processo de invenção de si e do mundo.



Contar é muito dificultoso.
Não pelos anos que já passaram.
Mas pela astúcia que têm certas coisas passadas de fazer balancê, de se remexerem dos lugares.
A lembrança da vida da gente se guarda em trechos diversos; uns com outros acho que nem se misturam (...)
Contar seguido, alinhavado, só mesmo sendo coisas de rasa importância. Têm horas antigas que ficaram muito mais perto da gente do que outras de recente data.
Toda saudade é uma espécie de velhice.
Talvez, então, a melhor coisa seria contar a infância não como um filme em que a vida acontece no tempo, uma coisa depois da outra, na ordem certa, sendo essa conexão que lhe dá sentido, meio e fim, mas como um álbum de retratos, cada um completo em si mesmo, cada um contendo o sentido inteiro. Talvez esse seja o jeito de escrever sobre a alma em cuja memória se encontram as coisas eternas, que permanecem...

(João Guimarães Rosa, Grande Sertão: Veredas).

Adquirindo assim conhecimento do mundo, a arquitetura que antes era pensada como desenho espacial, hoje é capaz de ser compreendida como lugar de experimentação. Dessa maneira, o

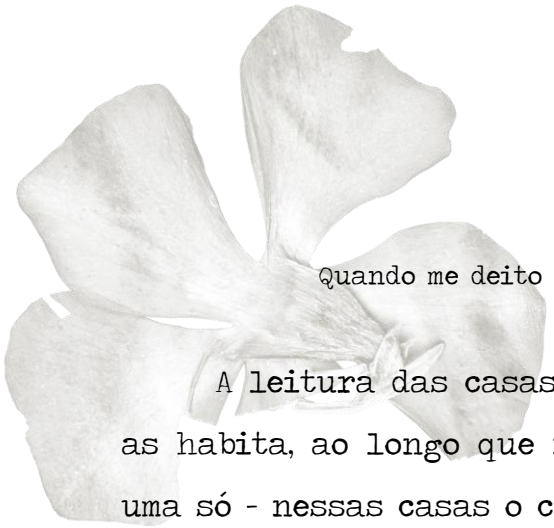
espaço torna-se um palco para as inter-relações humanas e não mais é pensado como um movimento moderno no qual existia a ideia de um "usuário ideal". Ele, nessa dinâmica, é capaz de denunciar a ordem dos discursos que atravessam nossas vidas comuns.

E na fachada escrito em cima que é um lar
Pela varanda, flores tristes e baldias
Como a alegria que não tem onde encostar.
(Gente Humilde, Chico Buarque)

A casa não é somente objeto físico palpável e material, ela é suporte de acontecimentos e histórias, ela nos materializa condições de viver na medida em que a arquitetura é vista como suporte de possibilidades, produtora de sentido.

Eu sei que a casa escutava
eu sei que a casa sentia
pois quando falava a casa
a casa se comovia.
(Casa somente canto - Casa somente palavra, Gonzaga Leão)

A casa, quando analisada à primeira instância, é um objeto geométrico, rígido, racional, um conjunto de linhas retas. Ao desenrolarmos essas linhas, capturamos a intimidade, o vaso beirando a porta, o crochê posto ao centro, as vigas perfeitamente encaixadas não fazem mais sentido diante da imensidão do lar, o prumo torna-se curva no sorriso de alguém, a casa ganha vida e adquire feições humanas, ou seja, a própria casa fala por nós, nos apresenta ao mundo. Estabelecemos uma ligação tão íntima que nosso interior é exteriorizado, se acordamos num dia bom, a casa ganha cheiro de alegria, deixamos o sol invadir os cômodos, se acordamos num dia triste, a casa murcha-se, se encolhe como girassol num dia nublado.



Minhas pernas, os corredores.
Meus braços, os quartos.
Meu centro, a cozinha.
Meus olhos e ouvidos, a varanda e o alpendre.
Quando me deito na rede, meu corpo têm todas as dimensões do lar.
(Elaborado pela autora, 2019)

A leitura das casas reflete a experiência de conhecer quem as habita, ao longo que no fim, a linha que nos separa torna-se uma só - nessas casas o cotidiano é quem rabisca os cômodos.

1.1 A VELHICE COMO POTÊNCIA DO HABITAR: UMA ÉTICA DO ESPAÇO

Tendo em vista essa percepção do espaço como produtor de sentido e palco de acontecimentos capaz de nos abrir para uma relação com as coisas a nossa volta, passamos a procurar e identificar os lugares dentro da cidade e do lar, onde esses acontecimentos se manifestam durante a velhice. Para tanto, precisamos entender como a sociedade identifica esses seres que permeiam a linha do tempo e delimitam seus espaços, desde os que habitam fisicamente, quanto suas inquietações.

Para isso é necessário pensarmos **como as políticas públicas desenham a velhice diante da perda do sujeito, adequando-os às normas de convivência e não como seu lugar de fato no mundo?**

Se pararmos para analisar desde as pequenas coisas, percebemos que existem diferentes tipos de opressão a que a velhice é submetida, desde os mecanismos burocráticos (como as normas técnicas para habitações acessíveis e os núcleos de convivência), como as psicológicas (ausência de diálogo, abandono, etc.). No entanto, relações interpessoais são estabelecidas nos lugares em que esses seres habitam.

Quando migramos para as experiências dos núcleos de convívio, nos damos conta de que os sujeitos instaurados na velhice resistem fortemente aos mecanismos de burocracia. Com isso, passam a habitar outros lugares (ruas, calçadas, praças) e não mais grupos que geram demandas, mas, sim, grupos reais, estabelecendo encontros que proporcionam conhecimento e troca de experiências, assim, quando oprimidos, geram demandas que escapam para produzir resistência.

Esse corpo trêmulo no mundo estático faz parar a engrenagem, pois resiste pelas suas marcas no tempo, protagonizando uma história que planeja e sonha por si só, sem normativas e regras.

Esse poder de resistir é composto pelas singularidades que cada um apresenta, ou seja, pelos afetos que lhes atravessam e continuam atravessando, criando linhas de fuga, passando a habitar onde não era previsto, desde os lugares públicos até suas próprias residências. Por meio de objetos e organizações, as memórias se mostram presentes no espaço, interagindo com o presente atual, propondo ao habitante um constante agenciamento com o lar.

Enquanto compreendermos a velhice como objeto a ser enquadrado, a arquitetura racional continuará a fragmentar essas residências perante seus modelos de "viver".

Há marcos no espaço onde as memórias se localizam, criando, desta maneira, valores físicos, que só conseguimos extrair quando compreendemos a velocidade do cair de uma folha. A escritora Ecléa Bosi (2003), em seu livro: **Tempos vivos e Tempos mortos,** trabalha a questão da velhice dentro do processo de

subjetivação que as coisas simples proporcionam e aos espaços e objetos biográficos que agregam sentido à vida desses seres:

> Criamos sempre ao nosso redor espaços expressivos sendo o processo de valorização dos interiores crescente na medida em que a cidade exibe uma face estranha e adversa para os seus moradores. São tentativas de criar um mundo acolhedor entre as paredes que o isolam do mundo alienado e hostil de fora. (BOSI, 2003, p. 4).

Disciplinamos a velhice nas normas, nas leis e nos espaços, controlamos suas ações e seus corpos, tiramos-lhes a vida a ser vivida e os colocamos sob olhos de controle. A velhice não é associada à fraqueza e à fragilidade, mas, sim, à força, à potência e à coragem de habitar a linha do foi e do por vir.

> Se a mobilidade e a contingência acompanham nossas relações, há algo que desejamos que permaneça imóvel, ao menos na velhice: o conjunto de objetos que nos rodeiam. Nesse conjunto amamos a disposição tácita, mas eloquente. Mais que uma sensação estética ou de utilidade eles nos dão um assentimento à nossa posição no mundo, à nossa identidade; e os que estiveram sempre conosco falam à nossa alma em sua língua natal. O arranjo da sala, cuja cadeiras preparam o círculo das conversas amigas, como a cama prepara o descanso e a mesa de cabeceira os derradeiros instantes do dia, o ritual antes do sono. (BOSI, 2003, p. 4-5).

Ser velho não estabelece um modelo a ser seguido, não se trata de pensar nas leis como quantidade, mas qualidade para se viver privilegiado de saberes carregados nos ombros. Tampouco a arquitetura oprimindo seus espaços, normatizando-os, fragmentando-os. Agimos dentro de relações de poderes dominantes sobre o outro, impondo verdades que nunca foram questionadas a quem exerce o direito de fala.

Assujeitamos suas singularidades, seus desejos, os tornamos um só - essa produção de subjetividade emerge dos olhos, da boca, dos ouvidos, desobedecendo o que lhes é imposto no mais alto grau

de sabedoria, o sujeito velho cria, conhece a si mesmo, supera e se transforma. Quebrando as regras, desmoralizando as condutas, ele apanha sonho, desfruta sabores, se apaixona.

A autora enriquece a ideia da nossa identidade exteriorizada nas disposições da nossa casa, principalmente, durante a velhice, momento em que essa relação aflora devido às infinitas memórias e objetos de toda uma vida.

Esse espaço une nossos elos familiares e longínquos, nele percebemos como o *fazer igual* cotidiano fica diferente, de tanto passarmos o pano na mesa, a madeira se enverga, de tanto sentarmos na mesma cadeira, o assento cria características nossas.

> Cada um desses objetos representa uma experiência vivida, uma aventura afetiva do morador (...). Só o objeto biográfico é insubstituível: as coisas que envelhecem conosco nos dão a pacífica sensação de continuidade. (BOSI, 2003, p. 5).

A professora e autora do livro **Apontamentos para uma ética do envelhecimento** (2015), Silvana Tótora, também trabalha a questão da velhice na atualidade como um modo de subjetivação e não de sujeição.

Os discursos e as relações dentro da sociedade referentes à ideia do "sujeito velho" descaracterizam sua estética da existência, transformando-os em grupos de risco em uma redoma de proteção e desvalorização de seus cuidados e conhecimentos, retirando de seus corpos suas singularidades da dimensão da vida e globalizando-os nas máquinas de poderes da sociedade atual. Estamos a todo o momento controlando seus corpos por meio das políticas do espaço, da arquitetura e dos desejos.

Mas, afinal, o que é velhice?

> O sujeito velho é uma categoria social produzida pelos dispositivos do *biopoder* empenhado em majorar a vida, estancar os processos de envelhecimento, controlar, separar e opor os seres humanos. A velhice não é uma essência substantiva, desvinculada de sua produção histórica e cultural. A representação da velhice, historicamente, esteve ligada a distintos valores: sabedoria, temperança, prudência, tranquilidade das paixões, privilégio de poucos de uma longa existência em épocas de baixa expectativa de vida. Enquadrar a velhice em determinados marcos cronológicos nem sempre foi possível, pois há múltiplos modos de experimentos biológicos e cronológicos. (TÓTORA, 2015, p. 26).

Uma ética do envelhecimento consiste em compreender que não precisamos nos basear em condutas de dever - codificadas e fragmentadas - numa concepção moral, mas, sim, nos desejos de desfrutar das banalidades do cotidiano, criar para além de si e correr riscos.

Um dos maiores problemas na/durante a velhice e no envelhecimento se dá no processo de como os especialistas os abordam, com inúmeras estratégias de assujeitamento. Até nós, arquitetos, estabelecemos padrões de "produção de uma vida saudável e segura", modulando suas resistências dentro de suas casas. Entretanto, eles sempre acabam reinventando sua própria existência, criando primaveras por debaixo das pedras, afirmando suas diferenças (singularidades) e tornando-se resistentes às formas atuais de sujeição, conseguindo, assim, capturar suas vontades de potência.



O Provador

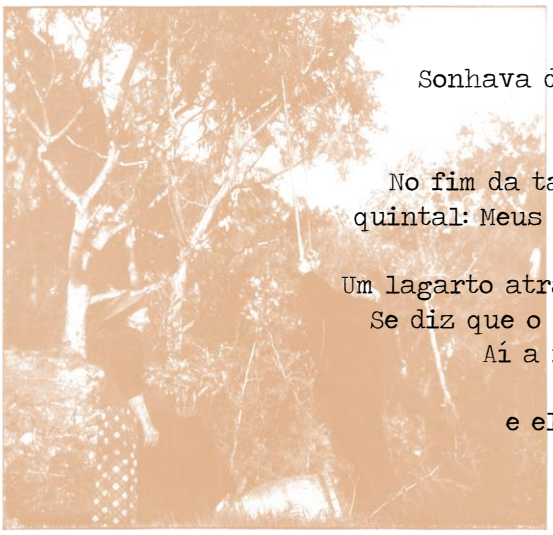
Andar à toa é coisa de ave. Meu avô andava à toa. Não prestava pra quase nunca. Mas sabia o nome dos ventos e todos os assobios para chamar passarinhos. Certas pombas tomavam ele por telhado e passavam as tardes frequentando o seu ombro. Falava coisas pouco sisudas: que fora escolhido para ser uma árvore. Lírios o meditavam. Meu avô era tomado por leso, porque de manhã

dava bom dia aos sapos, ao sol, às águas. Só tinha receio
de amanhecer normal. Penso que ele era provedor de
poesia como as aves e os lírios do campo.

(Manoel de Barros, Livro sobre Nada).

Buscamos de uma maneira sintética apresentar neste trabalho uma possível compreensão dos espaços habitados pelos indivíduos na velhice e de como a arquitetura é capaz de guardar e transmitir significados para conjugar experiências sensoriais, não capturando a casa apenas pelo seu funcionalismo estrutural. Discutimos, aqui, uma compreensão qualitativa, ou seja, olhar para uma arquitetura que faz materializar significados.

A arte de infantilizar formigas



Depois de ter entrado para rã, para árvore, para pedra
- meu avô começou a dar germínios.
Queria ter filhos com uma árvore.
Sonhava de pegar um casal de lobisomem para ir
vender na cidade.
Meu avô ampliava a solidão.
No fim da tarde, nossa mãe aparecia nos fundos do
quintal: Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra
dentro.
Um lagarto atravessou meu olho e entrou para o mato.
Se diz que o lagarto entrou nas folhas, que folhou.
Aí a nossa mãe deu entidade pessoal ao dia.
Ela deu ser ao dia,
e ele envelheceu como um homem envelhece.
Talvez fosse a maneira
que a mãe encontrou para aumentar
as pessoas daquele lugar
que era lacuna de gente.

(Manoel de Barros, Livro sobre Nada).

1.2 RESISTÊNCIAS NO HABITAR

Quando habitamos um espaço, damos sentindo a ele, tornando-o um lar, um lugar onde, imperceptivelmente, organizamos nosso mundo. Se invertermos nosso olhar, poderemos perceber que a casa

não serve apenas como proteção para nosso corpo, mas, também, para nossas memórias, nossos sonhos e nossos afetos.

Habitar é exteriorizar nossa subjetividade, nosso EU. Segundo Pallasmaa (2017), hoje a arquitetura deixou de ter seu significado de moradia e celebração, pois pensamos apenas num mundo materialista e estético:

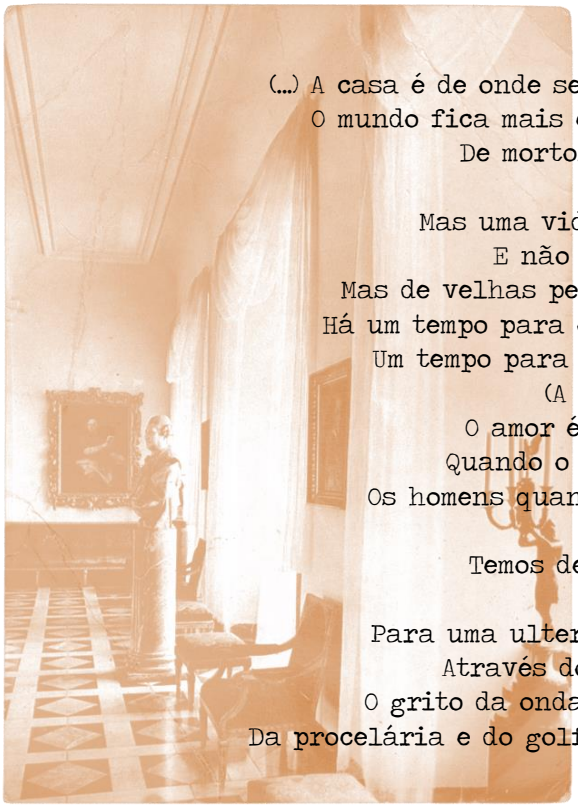
> No mundo obscenamente materialista de hoje, a essência poética da arquitetura está sendo ameaçada simultaneamente por dois processos: a funcionalização e a estetização. (PALLASMAA, 2017, p. 9).

Habitar um **território** é arriscar-se, experienciar-se nas coisas novas; é ter como fonte de conhecimento o corpo que antes era motor e que passa a ser fonte de novas experiências, que, por sua vez, constrói novos modos de ver e agir sobre o mundo.

Ao sermos tocados pelo **estranhamento,** somos forçados a declinar de hábitos convencionais em busca de outros horizontes perceptivos. Pelos agenciamentos dos **afectos**, somos constantemente desterritorializados. Isso significa que os signos que circulam por nossos corpos, enviando informações, são os mesmos que nos ajudam a formular outros questionamentos - tais processos são efeitos do estranhamento que desconstroem certos modos de habitar as coisas e o mundo, abrindo-nos para as novas formas interativas de aprendizagem.

A vida é criação, e a velhice, traço singular que rompe com o assujeitamento para poder se subjetivar. Ela habita o dentro e o fora ao mesmo tempo num conjunto, agindo no mesmo plano, afetando e sendo afetada. O interior do fora é seu lugar de refúgio e o seu próprio interior é como a memória num tempo que não é divisível entre passado, presente e futuro, mas que habita um único lugar, um único presente e todas as coisas acontecem

simultaneamente. Esse processo faz com que a criação de mundos se abra e a velhice se encontre na invenção si e do espaço em que habita.



Quatro Quartetos

(...) A casa é de onde se começa. À medida que envelhecemos
O mundo fica mais estranho, o padrão mais complicado
De mortos e de vivos. Não o momento intenso
Isolado, sem antes nem depois,
Mas uma vida inteira a arder em cada momento
E não a vida inteira de apenas um homem
Mas de velhas pedras que não podem ser decifradas.
Há um tempo para o anoitecer sob a luz das estrelas,
Um tempo para o anoitecer sob a luz do candeeiro
(A noite com o álbum das fotografias).
O amor é mais aproximadamente ele próprio
Quando o aqui e o agora deixam de importar.
Os homens quando velhos deviam ser exploradores
Aqui ou acolá não importa
Temos de estar quietos e quietos mover-nos
Para uma outra intensidade
Para uma ulterior união, um comungar mais fundo
Através do frio escuro e da desolação vazia,
O grito da onda, o grito do vento, as vastas águas
Da procelária e do golfinho. No meu fim está o meu começo.

(T.S. Eliot, Relógio D'água).

O mundo projeta-se no corpo e o corpo projeta-se no mundo, atribuindo-lhe sentido. Precisamos produzir singularização, é justamente nesse processo que conseguimos nos envergar para uma criação, produzindo os próprios tipos de referências práticas e técnicas, não necessariamente dentro das relações sociais, mas, também, como nos relacionamos com a música, com os objetos e com as coisas dispostas no entorno, gerando percepções e sensibilidades totalmente novas.

Pensemos dessa maneira nas micro relações: essas construções individuais proporcionam resistência dentro dos sistemas de servidão nos quais vivemos.



Trégua

Hoje estou velha como quero ficar.
Sem nenhuma estridência.
Dei os desejos todos por memória
e rasa xícara de chá.
(Adélia Prado, Bagagem).

Pallasmaa conceitua lar como:

> **(...) expressão da personalidade do morador e de seus padrões de vida únicos. Por conseguinte, a essência de um lar é mais próxima da vida propriamente dita do que o artefato da casa. (PALLASMAA, 2017, p. 16).**

A nossa casa abriga nossa identidade, quem realmente somos, entretanto, nossa obsessão pelo novo apaga nossas memórias enraizadas nas paredes do lar. Construímos hoje para satisfazer os olhos, e não a alma.



Habito a casa
Que me desabita

Passa ao longe a casa aonde mora
O meu olhar
E a esperança

E doem-me as janelas abertas
Das casas sem moradores
E os peitoris doutros corpos

(Daniel Faria, A Casa dos Ceifeiros)

O lar une passado e presente num invólucro onde a memória (fonte da nossa construção relativa à identidade) nos aproxima, ou melhor, guarda nossos sentimentos mais íntimos nos porões empoeirados. *"O lar é uma experiência multidimensional" (PALLASMA, 2017, p. 20).* Essa experiência de lar pode estar apenas na lembrança, no cheiro, no toque, não necessariamente na casa, pois o corpo lembra das coisas que não conseguimos acessar. Pallasma explica em um de seus artigos que as emoções surgem na

confrontação do homem com o espaço, ou seja, num verbo, não num substantivo, ele destaca:

> O ato de se aproximar de uma casa e não sua fachada, o ato de entrar, não a porta, o ato de olhar pela janela, não a janela em si (...). Todas essas expressões verbais parecem despertar nossas emoções. (PALLASMAA, 2017. p. 23).

Esses encontros, como dirá Deleuze em seu livro sobre Spinoza, no qual trabalharemos no próximo capítulo, tem o poder de nos afetar, ou seja, a potência criadora é capaz de produzir essas emoções descritas por Pallasmaa. Os poemas também têm o poder de recriar o passado, de criar memórias, casas e sentimentos fragmentados que, comparados às imagens da arquitetura, criam vidas que penetram e descrevem uma polaridade íntima do habitar.



Na casa em ruínas fica ainda durante algum tempo
uma espécie de música rumorosa
que ligava as pessoas e os objectos,
um caderno
de deve e haver,
uma cédula,
um fragmento iluminado da parede
onde se penduraram retratos,
um bilhete de comboio esquecido na gaveta da cómoda:
mas também isso
são escombros.

(Jose Carlos Barros, O uso dos venenos)

A vida é criação, a velhice um traço singular, o tempo vazio onde os agenciamentos acontecem: mesmo instalados no *presente,* essas arquiteturas assumem características do *passado*, as casas tangenciam experiências de outro tempo, ou seja, o tempo narrado coincide com o momento da escrita (mesmo quando memória).

1.3 A NARRATIVA COMO IMAGINAÇÃO E CRIAÇÃO NA ARQUITETURA E NA VELHICE

Quando narramos memórias e histórias, acontece uma experiência profunda que nos faz retornar ao momento vivido e/ou produzir novas experiências para dar significados ao momento atual corporificado. Desta maneira, adentramos numa atualização, pois não estamos no passado, e o presente já não se faz mais útil (uma vez que é um instante). Não acessamos a memória em sua completude, por isso a recriamos, ressignificando o momento, uma vez que as três coisas (casa x corpo x memória) existem e se relacionam somente juntas.

Empresto minhas mãos, meus olhos e meus ouvidos à minha avó; alinhavando suas histórias costuradas nestes papéis, caço suas lembranças no baú e, juntas, refletimos sobre sua existência no mundo, construindo, assim, alicerces às nossas casas imaginárias.

Assumo o papel de contar essas histórias e de narrar esses acontecimentos das experiências dos outros e minhas experiências pessoais, tornando-as uma só num entrelaço de uma narrativa, que abre espaço ao meu imaginário e à emergência de uma nova estória.

Para tanto, gravei em 8mm, 24 vídeos dos lugares que visitei, das pessoas que conheci e das casas que morei, com histórias escritas por mim e narradas pela voz de minha Avó, que, juntas, num compilado de vídeos, áudios e canções que nos embalaram, demos à luz a pequenos acontecimentos de cotidianos simples. Os materiais estão disponíveis neste link (segue, em anexo, também, nesta dissertação, um CD com todos os vídeos):

https://www.youtube.com/channel/UCwtuupdtjL2JnSBnPs0yFAg. Esses vídeos são o resultado de um experimento, que junto aos tantos outros que apareceram nesta pesquisa, formam um grande diário de contação de estórias e registram vidas que me atravessaram.

A estranheza de uma lembrança que vem à tona numa cadeira de balanço apresenta uma reconexão inesperada, em que brota, silenciosamente, uma semente da criação. A repetição se desdobra na descoberta, um encontro com o ranhar da madeira leva a uma conjunção longínqua a ponto de resgatá-la para o novo.

A invenção na velhice caminha entre o esquecimento das coisas comuns, contrastadas com os afetos de uma memória que luta para tornar vivas suas potências enriquecedoras. A poesia serve para habitar um novo mundo, inventá-lo para dar significado à sua própria existência, entretanto, a velhice nada tem a ver com apenas uma poética, mas refere-se, também, às tristezas que assolam um corpo devido à idade cronológica e ao poder de resistir a todos esses fatores.

Continuando com a experimentação da narração, resolvi aderir à fotografia como forma de expressão e selecionei algumas fotos que tirei durante o processo da escrita da dissertação. As editei em formato polaroid, como forma de relacioná-las com poemas que conversam com a velhice (que juntas - eu e minha avó - lemos durante a pesquisa) e que nos mostram uma dimensão sensível de um terreno poético, capaz de quebrar a concretude do espaço físico para o papel da imaginação.



Epitáfio

Ainda correm
lágrimas pelos teus
grisalhos, tristes
cabelos, na terra vã
desintegrados,
em pequenas flores
tornados.

Todos os dias estás
viva, na soledade
pensativa,
ó simples alma grave
e pura,
livre de qualquer
sepultura!

E não sou mais do que
a menina que a tua
antiga sorte ensina.
E caminhamos de mão
dada
pelas praias da
madrugada.

(Cecília Meireles,
Poemas Escolhidos)



Retrato

Eu não tinha este
rosto de hoje,
Assim calmo, assim
triste, assim magro,
Nem estes olhos tão
vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas
mãos sem força,
Tão paradas e frias e
mortas;
Eu não tinha este
coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta
mudança,
Tão simples, tão certa,
tão fácil:
— Em que espelho
ficou perdida
a minha face?

(Cecília Meireles, Poesia Completa).



É tão fácil amar lugares que não existem

recordar praças e pontes e
travessas onde nunca
morremos por ninguém

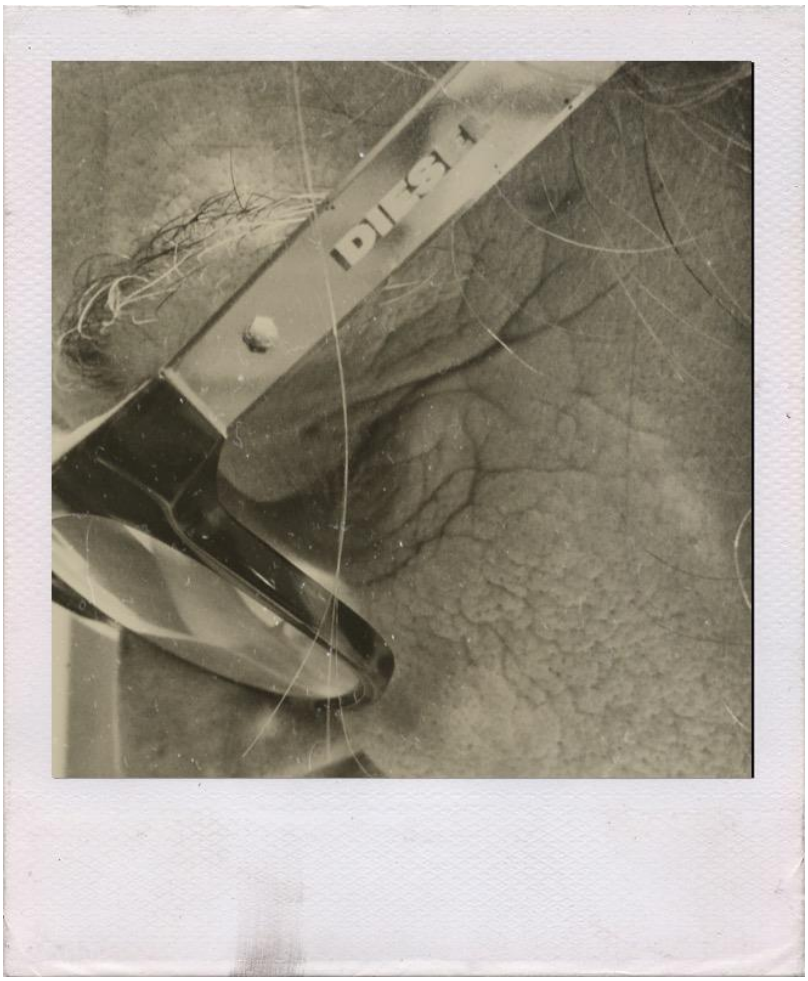
quartos na penumbra de
estores corridos sobre a
sonolência dos gatos em
Agosto onde nunca
chegámos atrasados

o tampo de mármore de
mesas de café onde as
nossas mãos não se
esconderam por alguém ter
entrado antes de nós

é tão fácil lembrar
nomes e rostos e destinos
e colocá-los em nossos
ombros e festejar com eles
as luminosas horas em que
a vida nos rodeava a
cintura como um amante
possessivo e nós repetíamos
o nome das cidades
onde nada disso tinha
acontecido

é tão fácil assim
dizer adeus
sabendo que deus nem
sequer assiste
à despedida

(Alice Vieira, Dois Corpos Tombando na Água)



O Bule

Tenho um bule de que gosto muito, que acho muito bonito. Mas de repente do que gostei mais foi de reconhecer a sombra do bule nas costas de uma cadeira, ae dar com a sombra do bule. É fácil dizer que lembra uma ave. Mas é o que está certo dizer. Essa repentina ave, estou a lembrar um verso, deu-me muita paz. Ao fim da tarde, depois de os amigos se terem ido embora, a sombra do bule fez-me ver como sou feliz às vezes.

(Adília Lopes, Estar em Casa).



(...) Morar na casa da colina mudou tudo. Mudou a mim, mudou a vida. Lá, como não havia eletricidade, eu dependia de lampiões e candeeiros para me locomover com gentileza pelo escuro. De noite via os vagalumes incendiando o breu. Se a noite estava estrelada, eu dormia fora de casa e me deslumbrava. Tanta estrela me transportava pra um céu acolhedor. Só tinha anjo lá. A casa me ensinou a pertencer a um lugar. O lampião iluminava o ambiente, mas o candeeiro era íntimo. Eu mesma carregava luz por onde ia. Havia uma sensação de amor, difícil de explicar. Era como se eu estivesse transportando amor. Uma carregadeira de amor.

(Carmen Oliveira, Candeeiro).



Os Ombros Suportam o Mundo

Chega um tempo em que não se diz mais: meu Deus. Tempo de absoluta depuração. Tempo em que não se diz mais: meu amor. Porque o amor resultou inútil. E os olhos não choram. E as mãos tecem apenas o rude trabalho. E o coração está seco. Em vão mulheres batem à porta, não abrirás. Ficaste sozinho, a luz apagou-se, mas na sombra teus olhos resplandecem enormes. És todo certeza, já não sabes sofrer. E nada esperas de teus amigos. Pouco importa venha a velhice, que é a velhice? Teus ombros suportam o mundo e ele não pesa mais que a mão de uma criança. As guerras, as fomes, as discussões dentro dos edifícios provam apenas que a vida prossegue e nem todos se libertaram ainda. Alguns, achando bárbaro o espetáculo prefeririam (os delicados) morrer. Chegou um tempo em que não adianta morrer. Chegou um tempo em que a vida é uma ordem. A vida apenas, sem mistificação.

(Carlos Drummond de Andrade, Sentimento do Mundo).

A arte nos possibilita um conhecimento experimental, algo que nos faz cócegas nas inquietações, que interpretamos de acordo com nossa carga experiencial e emocional, ou seja, nossa essência. A partir dela, conseguimos nos expressar, criar, recordar, nos expor.

Não se trata de representar o mundo, mas de apresentar os fluxos por de trás das coisas. A arte necessita apenas de uma composição que vem de fora, mantendo uma relação de troca criadora, operando com as experimentações.

> O experimentado, o recordado e o imaginado são experiências qualitativamente equivalentes em nossa consciência: podemos nos comover igualmente com algo evocado pela imaginação ou com algo com que tenhamos efetivamente nos deparado. A arte cria imagens e emoções que são tão reais quanto as que encontramos na vida; fundamentalmente, em uma obra de arte encontramos nosso ser no mundo de modo intensificado. (PALLASMAA, 2017, p. 62).

A casa é como uma imagem-objeto da nossa experiência existencial, como Pallasma resume: a *casa é "nosso ser-no-mundo"*, refletido por vezes num porta retrato amarelado, num livro da Clarice ou numa floreira qualquer.

Para observá-la num todo, precisamos desacelerar até sentir o movimento do vento nos galhos. Cada casa é o que resiste de cada habitante, o que pode não fazer sentido para outros visitantes, pois ali são as experiências materializas e singulares de quem as vive.

Lembro-me de um poema, escrito por Bernardo Soares (O silêncio que sai do som da chuva, espalha-se). Ao terminar de lê-lo, era como se estivesse no local onde o autor se descrevia, essa paisagem representada criou em mim uma lembrança inventada, tão real quanto a própria realidade que o autor estava vivenciando.

A arquitetura, assim como essas artes, se faz na fronteira entre o "eu" e o "mundo".

> A arquitetura é criada, 'inventada de novo', por cada homem que anda nela, que percorre o espaço, subindo as escadas, ou descansando sobre um guarda-corpo, levantando a cabeça para olhar, abrir, fechar uma porta, sentar-se ou levantar-se e ter um contato íntimo e ao mesmo tempo criar 'formas' no espaço; o ritual primitivo do qual surgiu a dança, primeira expressão do que viria a ser a arte dramática. Este contato íntimo, ardente, que era outrora percebido pelo homem, é hoje esquecido. A rotina e os lugares comuns fizeram o homem esquecer a beleza de seu 'mover-se no espaço', de seu movimento consciente, dos mínimos gestos, da menor atitude. (BO BARDI apud OLIVEIRA, 2006, p. 358).

Contudo, a arquitetura do lar/abrigo é a defesa da autenticidade da vida, da resistência no tempo, da nossa experiência. Essas pessoas e essas casas refletem a importância da nossa subjetividade nos dias atuais, da nossa singularidade. Hoje presenciamos o idêntico, a exacerbação das imagens e não mais damos visibilidade às micro existências/resistências desses seres.



VELHA CHÁCARA

A casa era por aqui...
Onde? Procuro-a e não acho.
Ouço uma voz que esqueci:
É a voz deste mesmo riacho.

Ah quanto tempo passou!
(Foram mais de cinquenta anos.)
Tantos que a morte levou!
(E a vida... nos desenganos...)

A usura fez tábua rasa
Da velha chácara triste:
Não existe mais a casa...

- Mas o menino ainda existe.

(Manuel Bandeira, Lira dos cinquent'anos)

A arquitetura pode contribuir com essas singularidades salvaguardando a qualidade do espaço existencial na desaceleração do tempo.

> Os sentidos, todavia, não são meros receptores passivos de estímulos, bem como o corpo não é apenas um modo de ver o mundo por meio de uma perspectiva central. Todo nosso ser-no-mundo é um modo de ser sensorial e corporal. O corpo não é o cenário do pensamento cognitivo; na verdade, os sentidos e nossa estrutura corpórea produzem e armazenam conhecimento silencioso (PALLASMAA, 2017, p. 77).

Nosso conhecimento, nossa aprendizagem são construções de mapas mentais do que podemos sentir, tocar, falar, não residindo apenas em teorias e explicações, mas em encontros, situações que nos geram desconfortos do corpo e da mente e que se traduzem na vivência, na invenção e no saber. Todos nossos sentidos pensam, exploram e criam.



(...) Os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.
Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

(Alberto Caeiro, O Guardador de Rebanhos).

Uma das tarefas é compreender que as casas são nossas extensões, exteriorizações da imaginação e da memória. A casa na sua ausência concreta se faz presente na memória e na imaginação. A literatura nos ajuda a pensar na casa como uma metáfora, na maneira como absorve cada poeira existente no espaço como um reflexo de nós mesmos.



DOLORES

Hoje me deu tristeza,
sofri três tipos de medo
acrescido do fato irreversível:
não sou mais jovem.
Discuti política, feminismo,
a pertinência da reforma penal,
mas ao fim dos assuntos
tirava do bolso meu caquinho de espelho
e enchia os olhos de lágrimas:
não sou mais jovem.
As ciências não me deram socorro,
não tenho por definitivo consolo
o respeito dos moços.
Fui no Livro Sagrado
buscar perdão pra minha carne soberba
e lá estava escrito:
"Foi pela fé que também Sara, apesar da idade avançada, se tornou capaz de ter uma descendência..."
Se alguém me fixasse, insisti ainda,
num quadro, numa poesia...
e fossem objetos de beleza os meus músculos frouxos...
Mas não quero. Exijo a sorte comum das mulheres nos tanques, das que jamais verão seu nome impresso e, no entanto, sustentam os pilares do mundo, porque mesmo viúvas dignas não recusam casamento, antes acham sexo agradável, condição para a normal alegria de amarrar uma tira no cabelo e varrer a casa de manhã.
Uma tal esperança imploro a Deus.

(Adélia Prado, Poesia Reunida)

> **A imagem arquitetônica relaciona nossa experiência do mundo com a experiência de nosso próprio corpo por meio de um processo inconsciente de internalização e identificação** (PALLASMAA, 2017, p. 94).

Essa imagem retratada pelo autor corresponde a uma metáfora arquitetônica de como concretizamos e interpretamos nossa identidade. Nos ajuda a ordenar o espaço, o tempo, as memórias e gerar significado e singularidades a partir disso. A casa estabelece um diálogo, precisamos ouvir o que as paredes dizem, interpretar as rachaduras das portas e o estalar dos móveis (fique atento, eles contam nossas histórias).



Os cacos da vida, colados,
formam uma estranha xícara.
Sem uso,
ela nos espia do aparador.

(Carlos Drummond de Andrade, Antologia Poética).

A essência poética da arquitetura está presente na constituição de nossas vidas, como quando ela nos provoca sensações que não cabem em palavras, mas que cabem nas associações que a memória faz do cheiro do bolo com o fim de tarde na casa da vó.

Pallasmaa compreende, assim como o que buscamos aprofundar nesta pesquisa, que a arquitetura não é meramente estética, mas, sim, um mundo cheio de afetos criado por alguém que necessitava demarcar sua resistência na terra e afectar outros mundos. *"No entanto, além de vivermos no espaço, também habitamos o tempo" (PALLASMAA, 2017, p. 114).*

A casa reduz a escala do tempo para emoldurar nossa capacidade de percepção e compreensão. O nosso lado de fora é também nosso lado de dentro. Traduzindo para o tempo da experiência como Proust (2003) trata: a velocidade nos cegou e fragmentou nosso caminhar, alterando nossa experiência temporal com os lugares que habitamos.

Nesse instante, a convivência, o corpo, o espaço, o signo emitido, o poder de afetar e ser afetado faz com que nossa potência seja elevada a tal modo que sejamos capazes de criar, inventar e aprender o *novo*. Como Deleuze constrói em Proust e os signos,

> O essencial não é lembrar-se, mas aprender; porque a memória só vale como uma faculdade capaz de interpretar certos signos e o tempo só vale como a matéria ou o tipo dessa ou daquela verdade. E a lembrança, ora voluntária, ora involuntária, só intervém em momentos precisos do aprendizado, para contrair o efeito ou para abrir novos caminhos (DELEUZE, 2003, p. 85).

O corpo é senão o receptivo afetado pelo espaço que, por hora, já foi afetado pela memória. Não se trata então de passado, presente ou futuro, mas de todos eles juntos num *acontecimento* que se dá no instante em que todos (velhice-corpo-espaço) são afetados e capturados num entre-tempo, numa pausa no movimento, e é esse mesmo movimento que, em outra hora, fez o corpo buscar na memória algo que dê sentindo à experiência do momento.

Percebemos o espaço na medida em que ele nos afeta, entretanto, para isso, é necessário um acontecimento singular, e o que seria esse acontecimento singular? A atualização da memória quando tocada por situações exteriores, como exemplo: o barulho do vento nas folhas das árvores, o cheiro do café, a cor azul das manhãs... Elementos que dão potência a essa ligação e que são singulares na medida em que cada um é afectado de determinada maneira, por determinada coisa ou situação. Essa afecção da coisa ou da situação eleva o corpo a um choque que o faz se expressar.



(...) Entre a raiz e a flor,
o tempo e o espaço.

(Jorge de Lima, Livro de Sonetos).

As resistências do tempo marcam as paredes da casa, um campo de vivência é aberto ao mesmo tempo em que nasce uma rachadura... São detalhes sutis que ilustram o movimento lento no espaço. Essa potência da vida faz com que esses seres relaxem diante das horas, desacelerando e apreendendo todas as velocidades que passam.

Compreendemos, assim, a necessidade de *olhar para a velhice* como um habitar "entre" o espaço e as memórias, "entre" a vida e a morte, "entre" o passado e o futuro, "entre" a fragilidade e a força. Esses corpos desviantes, que habitam a linha, quando afetados, são capazes de inventar o espaço e a si mesmos, dando sentido à própria vida e ao mundo.

Habitar o tempo na velhice é então habitar o tempo no seu estado mais puro: o beijo do colibri na flor.





O olhar vai longe enquanto os passos desenham raízes no chão. A velhice habita a inutilidade da existência enquanto produção e servidão, e é por isso que nela os afetos atravessam, assim como na infância, a velhice acolhe o que existe de mais puro: o amor.

(Elaborado pela autora, 2018).

CAPÍTULO 02: O CORPO COMO FORÇA CRIADORA NO PROCESSO DE SUBJETIVAÇÃO



2.0 A VIDA COMO POTÊNCIA DE SI MESMA

Deleuze em *Foucault (2005)* pode nos ajudar a pensar na relação da velhice com o espaço quando intensificamos a potência da vida na própria memória, *"O tempo enquanto sujeito, ou melhor, subjetivação, chama-se memória"*[1]. No pensamento do filósofo, no tempo ocorre uma **dobra** que serve de resistência para que um processo de subjetivação (no qual existe um sujeito, um espaço e as coisas que nele habitam) seja capaz de reinventar a própria vida, ou seja, a vida como criação contínua.

Sua leitura nos abre o campo da discussão sobre a dobra do pensamento e a subjetivação como desdobramento da força de si, a relação do fora como força e a vida como potência de si mesma. A questão da memória seria o interior do fora, onde com ela, ele consegue se envergar, como num movimento de esquecer para se refazer ou, em outras palavras, a vida que se dobra sobre ela mesma.

> **Enquanto o lado de fora está dobrado, um lado de dentro lhe é coextensivo, assim como a memória é coextensiva ao esquecimento. É esta co-extensividade que é a vida, longo período. O tempo se torna sujeito, por ser a dobra do lado de fora e, nessa condição, faz com que todo o presente passe ao esquecimento, mas conserva todo o passado na memória, o esquecimento como impossibilidade de retorno e a memória como necessidade de recomeçar** (DELEUZE, 2005, **p. 115**).

[1] (DELEUZE, 2005, p. 115).

[2] (...) certamente, eu estava bem desperto agora, meu corpo havia dado uma última volta e o bom anjo da certeza havia fixado tudo ao meu redor, me deitara sob as minhas cobertas, no meu quarto, e colocara aproximadamente em seus lugares, na escuridão, minha cômoda, a escrivaninha, a lareira, a janela que dava para a rua e as duas portas. Mas, por mais que eu soubesse que não me achava nas residências que a ignorância do despertar me houvera por um instante senão apresentado a imagem nítida, ao menos me fizera acreditar sua presença possível, um impulso fora dado à memória; em geral, não procurava adormecer de imediato; passava a maior parte da noite a relembrar nossa vida de outrora, em Combray, na casa da minha tia-avó, em Balbec, em Paris, em Doncieres, em Veneza, em outros lugares ainda, a recordar os locais, as pessoas que ali conhecera, o que delas havia visto, e o que me haviam contado a respeito. (PROUST, 2016, p.11)



Verdade

Assim como falham as palavras
quando queremos exprimir qualquer pensamento,
Assim falham os pensamentos
quando queremos pensar qualquer realidade.
Mas, como a essência do pensamento
não é ser dita, mas ser pensada,
Assim é a essência da realidade o existir,
não o ser pensada.
Assim tudo o que existe, simplesmente existe.
O resto é uma espécie de sono que temos,
Uma velhice que nos acompanha
desde a infância da doença.

(Alberto Caeiro, Fernando Pessoa).

Enunciando de maneira singular, procuramos desenhar a estética como instrumento do pensamento, mapeando os agenciamentos dessas memórias na medida em que potencializam o corpo a reorganizar-se e a reorganizar o espaço ao seu redor. Esses agenciamentos constroem relações vinculativas entre os espaços habitados pela velhice e as memórias que se atualizam.

Deleuze nos ajuda a pensar essas questões quando aponta conceitos como o de subjetividade (Deleuze, 2005), agenciamento, aprendizagem e memória (Deleuze, 2003). Contudo, para compreendermos como esse processo de subjetividade por meio das atualizações da memória se dá, precisamos antes habitar o mesmo plano que elas, observar, traduzir e cartografar os detalhes sutis e as emergências que esses seres emanam.

É neste sentido que retomamos a questão principal da pesquisa, que consiste em compreender o modo como tal corpo torna-se arquiteto de si e do mundo. Nossa hipótese é de que, na medida em que as memórias dançam no corpo, o corpo se relaciona com o espaço, estabelecendo por meio dessas experiências um processo de singularização ou subjetivação, em que não existe mais um único agente causador, mas um conjunto, no qual o

processo de reinvenção do próprio corpo se sustenta. Esses processos são capazes de recriar a própria condição desses indivíduos numa memória-agenciamento. Adquirindo, assim, caráter afetivo, o espaço deixa de ser espaço meramente habitado para tornar-se um abrigo/lar.

Podemos dizer que a velhice, quando interpretada no lugar em que habita, acaba por nos enredar num feixe de signos que compõe uma espécie de "poética do espaço", constituída pela tessitura de materiais e objetos, trazendo, consigo, uma narrativa permeada de aventuras e de afetos comuns à maioria desses espaços em que os modos de vida acontecem.

Tais processos de descoberta ou dessas aventuras assumem um papel de invenção quando o mundo é percebido de outra maneira, experienciando a problematização e atualizando nosso saber anterior com experiência atual - podemos afirmar que esses encontros nos potencializam.

O que buscamos explorar nesta pesquisa é essa potência que a memória tem enquanto agenciamento capaz de forçar a invenção de si e do espaço na velhice, e a avalanche que destrói os pilares, para, então, ser possível a reconfiguração a fim de que uma vida possa ser vivida, como forma de resistência que impõe o corpo a manter-se de pé.

2.1 CORPO-POTÊNCIA

Deleuze (2002) aponta o pensamento de Spinoza como uma filosofia prática, a vida não como uma ideia, mas como uma maneira de VIVER. Esse corpo velho tratado na pesquisa é uma força de existir, é a própria potência em ato.

> Daí a força da questão de Espinoza: *o que pode um corpo?* De que afetos é ele capaz? Os afetos são devires: ora eles nos enfraquecem, quando diminuem nossa potência de agir e decompõem nossas relações (tristeza), ora nos tornam mais fortes, quando aumentam nossa potência e nos fazem entrar em um indivíduo mais vasto ou superior (alegria). Espinoza está sempre se surpreendendo com o corpo. Ele não se surpreende de ter um corpo, mas com o que o corpo pode. Os corpos não se definem por seu gênero ou sua espécie, por seus órgãos e suas funções, mas por aquilo que podem, pelos afetos dos quais são capazes, tanto na paixão quanto na ação (DELEUZE, 2002, p. 49).

Deleuze explica, ao responder à Claire Parnet, o porquê de escrever sobre Spinoza,

> A alma e o corpo, ninguém jamais teve um sentimento tão original da conjunção "e". Cada indivíduo, alma e corpo, possui uma infinidade de partes que lhe pertencem sob uma certa relação mais ou menos composta. Cada indivíduo, também, é composto de indivíduos de ordem inferior, e entra na composição de indivíduos de ordem superior. Todos os indivíduos estão na Natureza como sobre um plano de consistência cuja figura inteira eles formam, variável a cada momento. Eles se afetam uns aos outros, à medida que a relação que constitui cada um forma um grau de potência, um poder de ser afetado. Tudo é apenas encontro no universo, bom ou mau encontro (DELEUZE, 2002, p. 49).

E o que pode esse corpo *velho* tratado nesta pesquisa, dentro do espaço que ele habita? É justamente o poder de afetar e ser afetado através da potência do outro e de si mesmo. Ao se relacionar com outros corpos, com outros espaços e com novas sensações, ele é capaz de atualizar a memória, ou seja, acessá-la de forma nova para dar conta de decifrá-la no presente, inventando-a. É uma viagem no entre-tempo dos hábitos. Transição entre a experiência vivida e a experiência atual.

Segundo Deleuze, ao contrário de definir um corpo por sua forma, pode-se defini-lo por meio dos afetos que estão em constate movimento.

> Um corpo pode ser qualquer coisa, pode ser um animal, pode ser um corpo sonoro, pode ser uma alma ou uma ideia, pode ser um corpus linguístico, pode ser um corpo social, uma coletividade. Entendemos por longitude de um corpo qualquer conjunto das relações de velocidade e de lentidão, de repouso e de movimento, entre partículas que o compõem desse ponto de vista, isto é, entre elementos não formados. Entendemos por latitude o conjunto dos afetos que preenchem um corpo a cada momento, isto é, os estados intensivos de uma força anônima (força de existir, poder de ser afetado). Estabelecemos assim a cartografia de um corpo. O conjunto das longitudes e das latitudes constitui a Natureza, o plano de imanência ou de consistência, sempre variável, e que não cessa de ser remanejado, composto, recomposto, pelos indivíduos e pelas coletividades (DELEUZE, 2002, p. 132).

Mas o que são esses afetos que falamos até agora? Para Spinoza, existem dois tipos de afetos primários: alegria e tristeza. A alegria é o afeto que aumenta nossa potência, ou seja, aquilo que é positivo. A tristeza é o afeto que diminui nossa potência, ou seja, aquilo que é negativo.

Os encontros ruins também nos afetam, entretanto, o mal é sempre dado pelo modo como enxergamos a nós e o mundo. Essa afecção triste pode nos levar, postumamente, a uma afecção boa, pois as duas se completam no decorrer da vida, cabendo a nós mesmos direcionarmos nossas reações diante de tal, afunilando sempre o nosso corpo e alma *(o que é desejo da alma também é desejo do corpo e vice-versa)* para as coisas boas que aumentam nossa potência, expandindo nosso território e desabrochando as experiências do espaço. É quando uma afecção nos joga para o alto da potência, na lembrança, no abraço que arquitetamos o mundo e a nós mesmos. É no acontecimento puro que a nossa maneira de se configurar no mundo se estabelece.

A memória é nossa subjetividade no mundo, ou seja, nos cabe, agora, mais uma questão: "como o corpo torna-se ferramenta para que todo esse movimento de transformação das memórias em

agenciamentos possa produzir sentido na reconfiguração do espaço e na produção de subjetividade?" Deleuze, à luz de Spinoza, responde:

> Trata-se de mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que se tem dele, e que o pensamento igualmente ultrapassa a consciência que dele se tem (...) Portanto, é graças a um só e mesmo movimento que chegaremos, se possível, a apreender a potência do corpo para além das condições dadas do nosso conhecimento e a apreender a potência do espírito para além das condições dadas da nossa consciência. Procuramos adquirir um conhecimento das potências do corpo para descobrir, paralelamente, as potências do espírito que escapam à consciência, e para poder comparar as potências. Em suma, o modelo do corpo, segundo Espinoza, não implica desvalorização alguma do pensamento em relação à extensão, mas, o que é muito mais importante, implica uma desvalorização da consciência em relação ao pensamento: uma descoberta do inconsciente, e de um inconsciente do pensamento, não menos profundo do que o desconhecido do corpo (DELEUZE, 2002, p. 24).

Esses afetos estão presentes em cada gesto, expressão que, na maioria das vezes, é intraduzível por meio da representação. A sensibilidade como matriz do pensamento cria blocos de sensações compostas de perceptos e afectos. Tal como quando um fio costura um desenho imaginável das sensações encontradas quando apresentamos a velhice, como a potência de organizar a si e o espaço à sua volta; a calmaria de um alpendre; o cheiro de amor em forma de bolo; a cortina de vime. A organização do espaço na velhice é um ato de resistência, - transferimos aqui -, a subjetividade para a relação que estabelecemos com as coisas à nossa volta.

Para tanto, buscamos a estética como instrumento do pensamento, mapeando os agenciamentos dessas memórias na medida em que potencializam o corpo a reorganizar-se e a reorganizar o espaço ao seu redor. A cartografia floresce para compor essas anomalias, como princípio para dar condições de

enunciar a composição dos afetos no campo de expressão da arquitetura, composta pela velhice. Trata-se de apreender a existência juntamente com toda potência que ela tem, com os agenciamentos que nos vêm de fora, criando uma sensação, e não uma referência de um conceito, e buscando apresentar a condição de um corpo que foi sensibilizado pelas linhas que escapam, pelos desvios e pelas rupturas que se exprimem.

Quando propomos estudar a velhice, observamos o mundo de forma diferente: passamos a habitar e escrever silêncios que desenham essas vidas, experimentamos novas formas de pensar. No que entendemos de processo, ocorre sempre pausas - momentos separados por tópicos - entretanto, para quem mapeia, seguir uma linha contínua não é experienciar-se com todas as coisas que o entorno proporciona. Para isso, é necessário curvas de surpresas. Não se trata de um processo tradicional, mas, sim, de propor uma mudança conceitual.

Traduzir esses silêncios que a velhice emana é projetar a resistência no tempo. Introduzindo a cartografia, buscamos compor os poemas por meio da expressão da necessidade de criação, como um bloco que faz durar algo extraído da sensação e como meio capaz de organizar esses agenciamentos que são produzidos por esses encontros com a memória, no tempo em que ela se atualiza no presente.

Para produzir essas experiências subjetivantes, é necessário produzirmos rizomas, ou seja, produzirmos caminhos que se entrecruzem a todo o momento, acontecimentos que desenvolvem individuações sem sujeitos, por exemplo, em agenciamentos que atualizam a memória, narrando, assim, papéis novos e inventivos de um tempo que já foi vivido e que retorna

na medida em que um gesto, cor ou cheiro são capturados pelos sentidos.

A cartografia pode nos ajudar a compor esse mapeamento das memórias e tradução desses agenciamentos (em poesia) da velhice, conseguindo dar língua aos afectos que circulam, inventando uma nova poética em que o sentimento consegue comunicar.

Para compreendermos a noção de cartografia, precisamos nos apoiar na primeira parte da obra *Mil Platôs Vol. 1 - Capitalismo e Esquizofrenia*, escrita por Deleuze e Guattari (1995), especificamente, no princípio das multiplicidades, a fim de, então, nos conectarmos com as linhas ou com os platôs produzidos por meio de um rizoma.

Mas o que esse princípio das multiplicidades apresenta? E o que é um rizoma? De onde ele surgiu? Como ele produz?

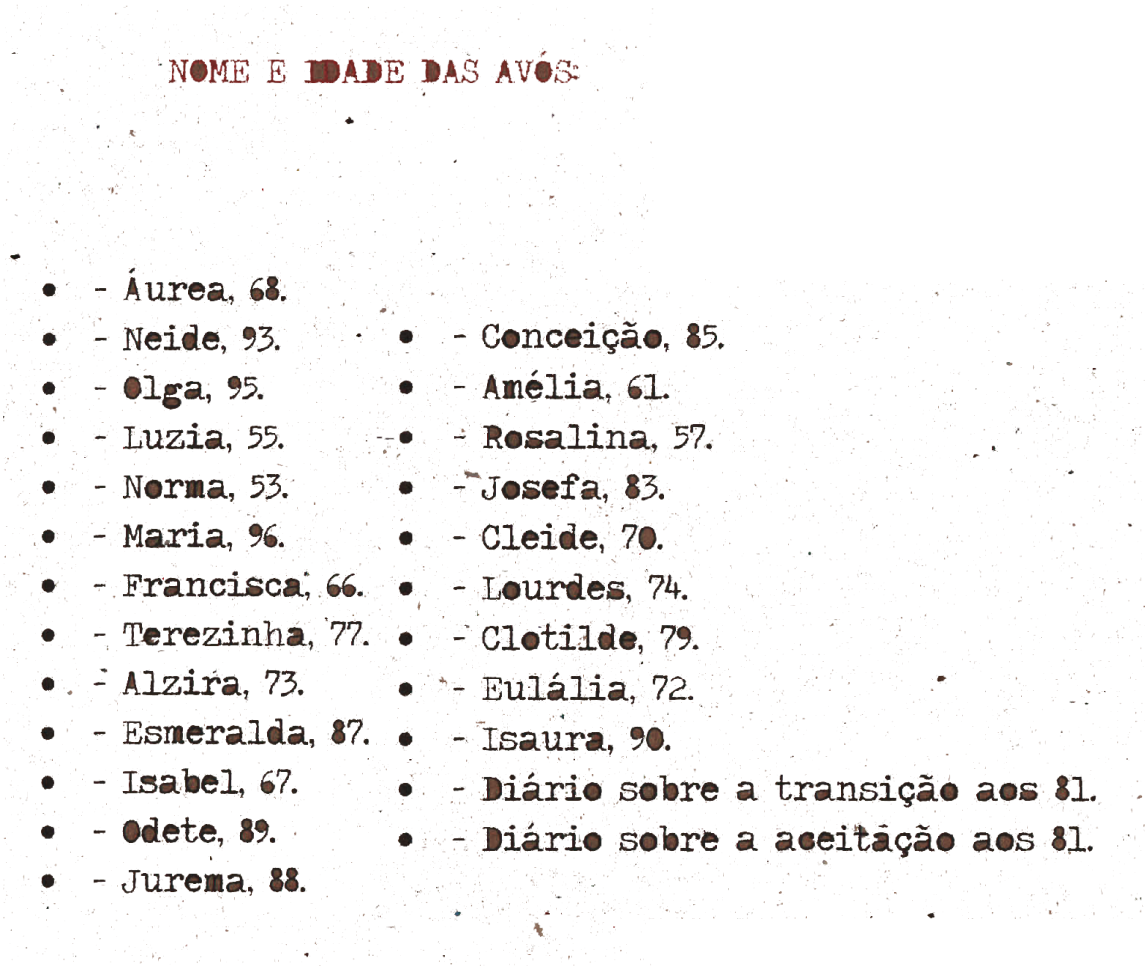
Basicamente, a proposta dos autores em relação ao princípio das multiplicidades é de construir um pensamento por meio do múltiplo, ou seja, que não se fixe em pontos ou ordens, mas linhas e trajetos, percursos, dimensões, agenciamentos e encontros.

Para tanto, produzimos dois mapeamentos que nos ajudam a desenhar relações, a fim de compreender as singularidades das 24 senhoras, para que, depois, sejam apresentadas as etapas e os poemas que virão no próximo capítulo.

Aqui, elas aparecem como uma conexão que as Avós (já com suas identidades) estabelecem com os objetos que buscam resgatar suas memórias. Elas ainda estão no processo rizomático, pois são experimentações sem extratos e formas. Não são limitáveis, mas se conectam semelhantes a um jogo infantil de ligue ao ponto, funcionando apenas pelas relações de forças que afetam essas Avós. Entretanto, ao montarmos, percebemos que cruzamentos foram

gerados entre elas e, talvez, por bons encontros, elas se encontrem em constante mudança. A cada olhar o ponto se cruza em um lugar diferente, forçando a imaginação e confrontando a possibilidade.

2.2 EXPERIÊNCIAS SUBJETIVANTES: UM PERCURSO PELOS AGENCIAMENTOS DAS AVÓS



NOME E IDADE DAS AVÓS:

- - Áurea, 68.
- - Neide, 93.
- - Olga, 95.
- - Luzia, 55.
- - Norma, 53.
- - Maria, 96.
- - Francisca, 66.
- - Terezinha, 77.
- - Alzira, 73.
- - Esmeralda, 87.
- - Isabel, 67.
- - Odete, 89.
- - Jurema, 88.
- - Conceição, 85.
- - Amélia, 61.
- - Rosalina, 57.
- - Josefa, 83.
- - Cleide, 70.
- - Lourdes, 74.
- - Cletilde, 79.
- - Eulália, 72.
- - Isaura, 90.
- - Diário sobre a transição aos 81.
- - Diário sobre a aceitação aos 81.

(Elaborado pela autora, 2016).

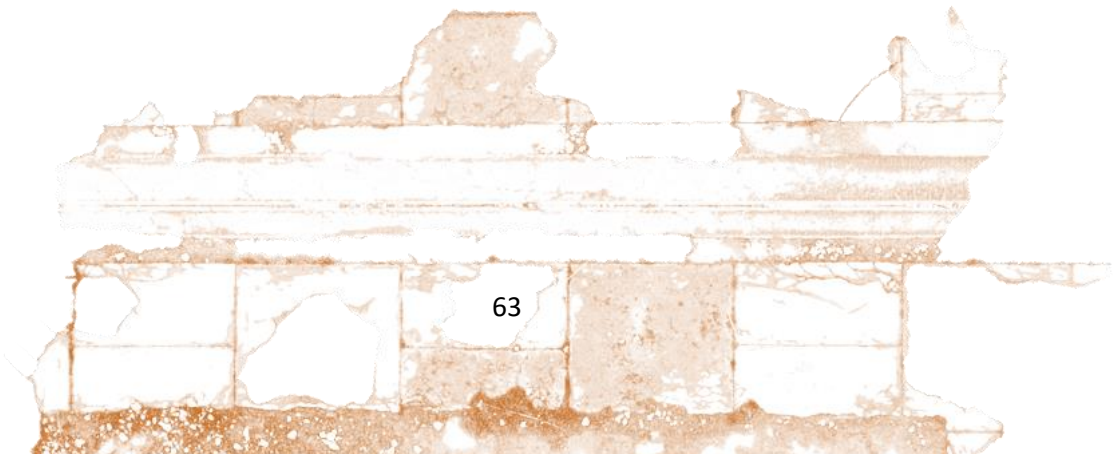


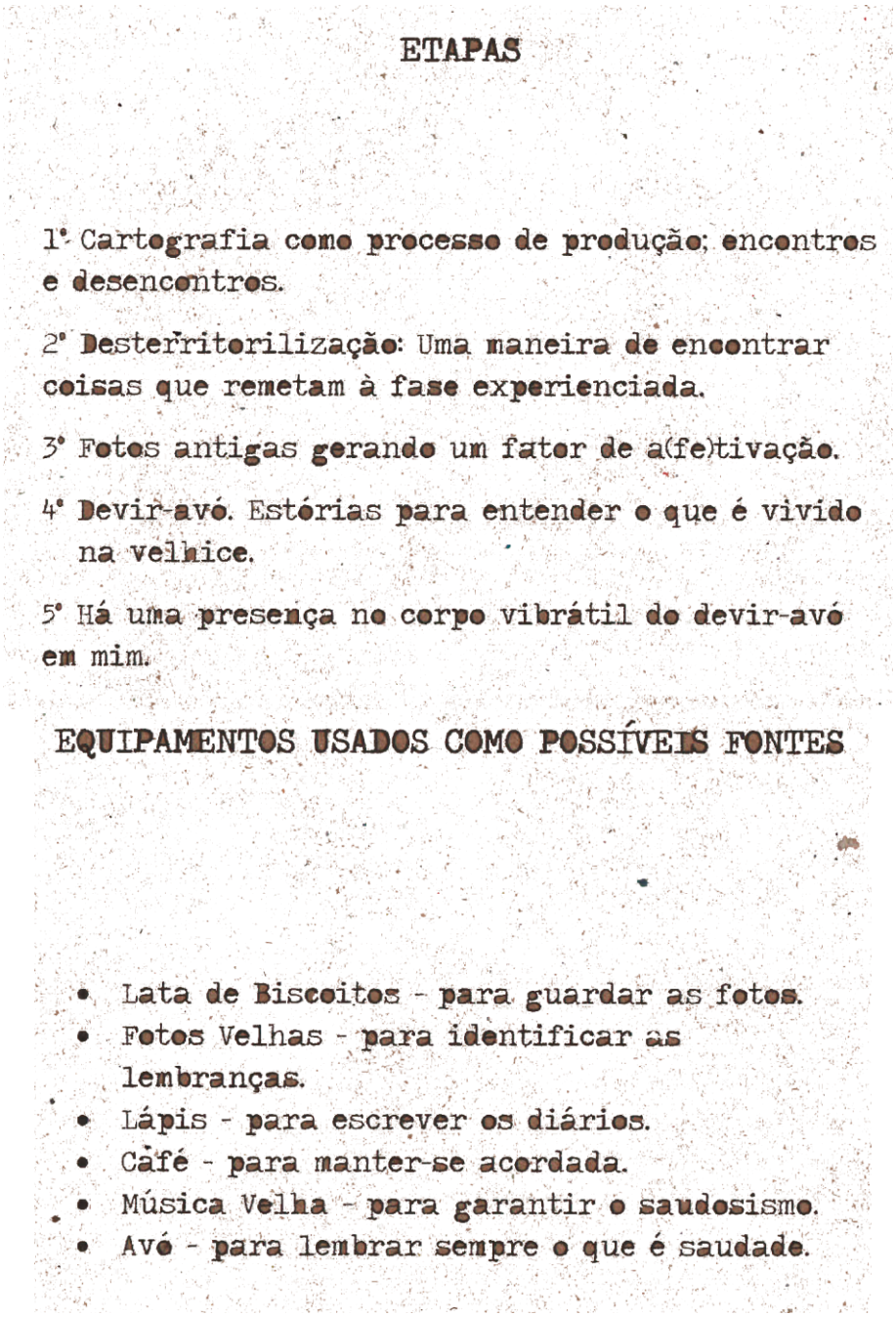
(Elaborado pela autora, 2016).

Compreendemos, então, que o rizoma é feito somente de linhas e são essas linhas conectáveis que constroem a cartografia, que ilustram o mapa e que produzem os agenciamentos. A construção desses mapas desemaranha essas linhas de fuga, traçando diagramas de conhecimento que são capazes de produzir o *novo.*

O presente estudo propõe um mergulho na velhice, pesquisando e inventando, aventurando-se nas experiências que agenciam esses corpos e os espaços por eles habitados, - agindo no mesmo plano -, experienciando-se nas suas afecções. Abrindo o campo da percepção para tentar decifrar a emergência desses afetos. Capturando-os e traduzindo-os.

Para isso, buscamos montar um desenho sobre as coisas, lugares, vivências, a fim de dar língua à memória instaurada no entorno. Durante esse processo, ocorreu uma busca por fotos antigas, objetos e sentimentos que ilustram a velhice e a presença que habita suas casinhas. Para tanto, no decorrer do trabalho, surgiram dois livros que apresentam o método cartográfico na velhice, são eles: O **livro das Coisas**, a primeira entrega com fotos, detalhes, objetos, lugares, processos e experiências. E O **Livro das Pessoas**, segunda entrega, com poemas, relatos da vida, descrição de ambientes, diários, desenhos e saudade.





(Elaborado pela autora, 2016).

Para concretizar esse pensamento e relacioná-lo com o tema proposto, foram feitas análises em 12 lugares para pensar as experiências urbanas que são vivenciadas pelas 24 avós cartografadas, a fim de fazer uma ligação afetiva entre elas, em que as mesmas, por coincidência ou pela vida, tendem a se encontrar.

ALZIRA E EULÁLIA

Doutoras aos 70 Alzira e Eulália têm plantas que curam e olhos de cristais. Aos domingos tem feira na Rua Amazonas e elas sempre estão por lá escondidinhas embaixo da antiga biblioteca vendendo plantinhas e amor em potinhos.

No som do radinho a pilha, Bandolim faz o seu melhor:

"Contente, deste choro há de gostar!"

Quem passa não resiste e tende a parar, ou pela música ou pelo olhar.



AMÉLIA E ISAURA

No emaranhado da nossa conversa, Isaura me contou que certa vez conhecera uma escritora no vagão do trem, seu nome era Amélia.

Amélia escrevia sobre pássaros que não sabiam voar e flores que brotavam do asfalto

-até então, Isaura nunca tinha lido algo tão lindo assim-.

Amélia escrevia sobre as não-coisas.



ÁUREA E JUREMA

Áurea era apaixonada por roseiras, achou uma muda perto do ponto de ônibus pela manha, não resistiu e pegou para plantar no seu jardim.

Passando por lá Jurema presenciou a cena e pôde enxergar com tanta paixão aquilo que não resistiu e fez um poema:

- Pobre Senhora, vejo buscar-te amor nas flores.

É tão triste, que me dói dizer a ti que elas murcham. E que teu amor murchará com elas.

Mas sua presença permanecerá viva em mim.

Nesses pequenos versos.

"Eternos em mim."



ISABEL E CLEIDE

Isabel e Cleide são amigas desde a formatura do colégio. Todo *finados* elas vão juntas ao cemitério levar flores para seus falecidos maridos (que por coincidência eram irmãos). Todos os anos Cleide questiona a Isabel que o concreto do túmulo de seu marido racha para brotar florezinhas e que ela não entende o porquê, visto que ela não coloca mais flores em cima do epitáfio. Passados alguns anos de questionamento constante, Isabel chegou a uma conclusão e disse:

- Cleide, talvez as flores que brotam dessa concretude sejam as flores que seu marido esquecera-se de te dar ao longo dos anos, e que hoje é a única maneira dele demonstrar seu amor.

Calada, Cleide engoliu o choro e concordou. Sentou e disse baixinho acendendo as velas:

- Obrigada.



CLOTILDE E OLGA

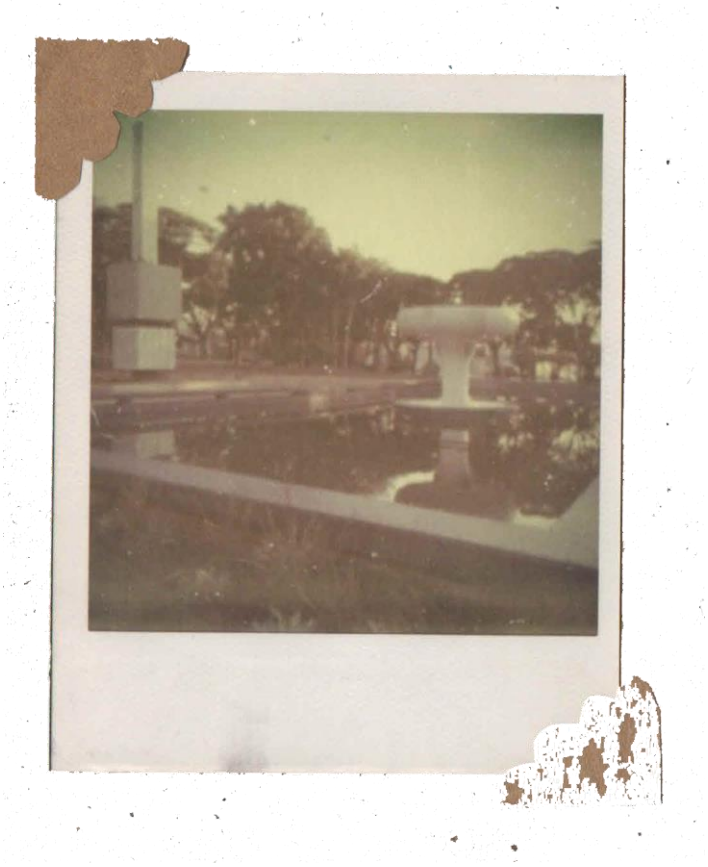
Clotilde costumava ir aos sábados na fonte fumar seu cigarro, por coincidência ou sorte, encontrara-se com Olga, senhora triste, porém esperançosa na data de 13 de Maio de 2014.

Olga se foi após três meses de uma grande amizade.

Clotilde já esperava,

- A tristeza de Olga era muito grande.

Clotilde nunca mais voltou à fonte.



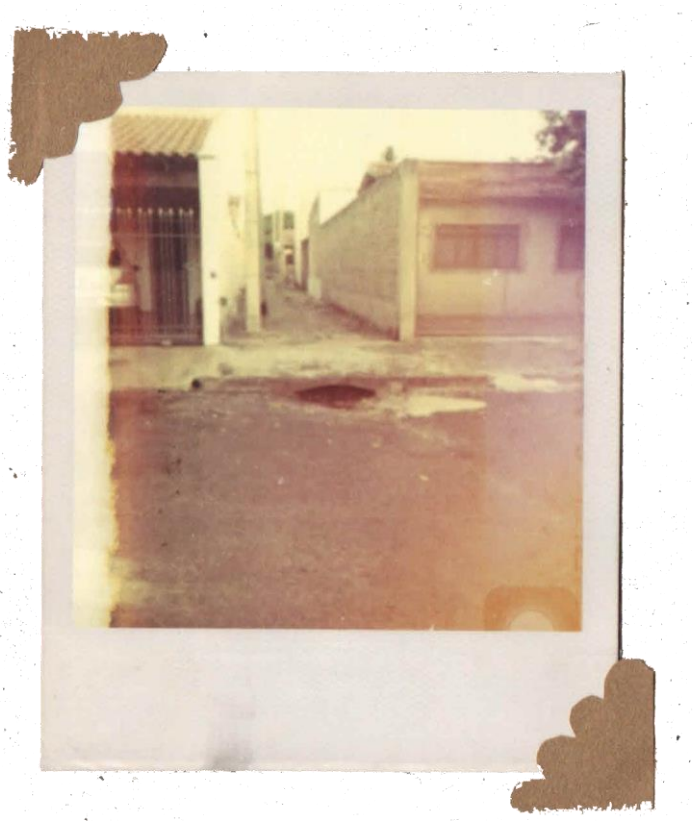
CONCEIÇÃO E ESMERALDA

Conceição conhecia todas as vielas da CECAP, saia por ai distribuindo poemas nos varais quando moça. Hoje permanece apenas na sombra da amendoeira.

Sua irmã Esmeralda mora na casa em frente e nunca sai.

Exceto ontem.

Ontem Conceição passou a ser uma lembrança.



JOSEFA E FRANCISCA

Francisca antes de ir aos bailes da cidade, encontrava-se no banco da praça com o seu (futuro) marido. Numa certa tarde, viu Josefa sozinha dando água para os gatos de rua. Percebeu que Josefa não era de muita prosa -tentou conversar- mas foi inválida a tentativa.

Passaram-se alguns meses, Francisca voltou à praça a fim de encontrar Josefa, era numa manhã de sábado, perguntou para os feirantes que estavam por ali e por fim acabou encontrando um dos filhos dela. Henrique era seu nome. Henrique dissera a Francisca que Josefa não falava desde o seu parto, e que após a sua conversa com ela, a mesma pode desaguar em fala. Francisca sem entender o que ocorrera, apenas agradeceu e ficou feliz com a notícia.

Francisca não sabia o poder das palavras, mas Josefa tinha entendido o recado quando ela disse:

"Mulher, você tem o mar dentro de si".



LOURDES E ODETE

Lourdes todos os dias (ou quase todos), atravessava o pontilhão para chegar à sua casa. Nesse corriqueiro percurso ela conheceu Odete, sua vizinha de quadra.

As duas conversaram sobre costura, ausência e pôr do sol.

Desde então Lourdes descobriu a amizade e o poder de um amarelo efêmero na rabiola de um céu azul.

A vida é mais bonita aos 80.



,

LUZIA E O DIÁRIO

Luzia aos 55 já escrevia suas memórias póstumas:

"Será a memória de uma vida se desfazendo no universo…".

Pisciana que só, Luzia sofria pela ausência.

Todas as vezes que a tristeza aparecia, Luzia ia à praça regar as flores do canteiro, ficava sentada por algumas horas até se esquecer da dor e recitava para as pombas um soneto de Camões:

> "Que dias há que n'alma me tem posto
> Um não sei quê, que nasce não sei onde,
> Vem não sei como, e dói não sei porquê."

Sem entender, as pombas voltavam a voar e Luzia -só-, carregava a sua dor de volta para casa.



MARIA E ROSALINA

Maria, moradora do sitio na 27, ontem fez 96 anos. Foi uma festança só! Até sua amiga Rosalina que havia se mudado para cidade foi lhe visitar.

Por volta do fim da tarde caiu uma baita tempestade e a estrada de terra alagou, Marcilio, seu marido, aproveitou para preparar a fornada, afinal, todos teriam de passar a noite por lá.

Conversa vai, conversa vem, Maria e Rosalina se lembravam dos seus tempos de moça: dos bailes no Assary, dos vestidos de chita e de como a vida era simples e boa. A noite foi caindo e o cafezinho passado na hora foi servido, nas velhas canequinhas de ágata da D. Maria... Ê saudade, soltou Rosalina; na cidade as pessoas passam por mim tão depressa e se chamo alguém para tomar um cafezinho, nem tempo de apreciar o cheiro elas têm.

É triste estar sozinha lá.

A solidão é ver a mesa do café vazia.



NORMA E NEIDE

Neide sentia-se sozinha quando os netos iam embora.

Norma por sua vez também sentia-se sozinha. Sua casa emanava solitude quando o disco do Cartola terminava na faixa Alegria...

"Alegria, era o que faltava em mim".

Aos domingos as duas encontravam-se para jogar xadrez na pracinha.

A prosa era boa durante a tarde.

Mas os olhos sempre voltavam vermelhos.



TEREZINHA E O DIÁRIO

Terezinha tem uma vaga lembrança de quando seu neto plantou a jabuticabeira na pracinha perto da sua casa. Todas as tardes, quando moço, Matheus vinha lhe visitar com o sorriso nos olhos em busca de uma estória e um colo quentinho.

Já se passaram 77 primaveras e desde então Terezinha ainda guarda a sua última estória para Matheus.



Ao narrar os modos de existência dessas "Avós", buscamos no trabalho produzir possíveis desenhos de lembranças que dançam nesses corpos quando eles se relacionam com o espaço, estabelecendo, dessa maneira, um processo de subjetivação. Não existe mais "um", mas, sim, um conjunto, uma multiplicidade, em que corpo-espaço-memória agem sobre o mesmo plano a partir de um processo de experimentação, se aventurando na invenção de si e do mundo. É neste "entre" espaço de objetos, pessoas, lugares, vozes, aromas e silêncios que o nosso corpo se move, um corpo vibrátil. Trata-se de um conjunto de percepções que são prontamente agenciadas pelo aconchego que pode ser experimentado durante a convivência diária junto a uma "jovem" senhora de 80 anos.

Tais devires poéticos são estórias entrecortadas, suas dores, angústias e incertezas que conosco compõem um corpo sem órgãos e expressam, muitas vezes, desejos despertados em nós por meio de um relicário de lembranças inventadas e afetos solícitos. Destacamos, então, que o que foi vivido está segmentado espacialmente, e para nós compreendermos isso, é necessário sairmos do eixo habitual e perdemo-nos no emaranhado de percepções e afetos que o espaço pode nos proporcionar, questionando, assim, a possibilidade do imprevisível.

Agora, dando continuidade à pesquisa, propomos explorar mais afundo a relação da velhice com o espaço e como as memórias são capazes de dialogar com esses feixes de agenciamentos que, por hora, são atraídos na atualização da lembrança. Mapeando as emergências desses arquitetos de si e do mundo, compreendemos como a produção de subjetividade na velhice se dá no simples fato de criação, criando e recriando suas memórias, deixando-se

afetar por elas, deslocando seu corpo no espaço e modificando-o com seus afetos. Para tanto, por meio de imagens, ensaios e desenhos, construímos essa ponte que tenta traduzir no campo estético as individuações sem sujeitos, ou seja, os acontecimentos, numa cartografia da aprendizagem na velhice.



Uma teoria do lugar satisfatória só a poesia pode revelar).

CAPÍTULO 03: A POESIA COMO REVELAÇÃO DO LUGAR PELA PALAVRA



A poesia presente neste estudo serve como ferramenta para mergulhar nos acontecimentos do mundo, o lugar onde as intensidades florescem. Assim como a poesia busca significar os indivíduos no mundo, (os acontecimentos que o permitem habitar na palavra) a arquitetura atrai esse propósito: concretizar os sentimentos e marcar nossa presença no mundo.

A casa é nossa imaginação material, onde estabelecemos uma relação de pertencimento, como nos expressamos e como nos mostramos ao mundo. Local onde as memórias se corporificam, se projetam, como em busca do tempo perdido de Proust[2], sua memória se desenha no corpo, nos sons. Essas experiências interagem com nossas camadas temporais, ou seja, uma lembrança me desperta para algo novo, para uma nova sensação, uma criação.

Quando propomos estudar a velhice, propomos estudar, também, a memória, observando o mundo de forma diferente: passamos a habitar e escrever os silêncios que desenham essas vidas, experimentamos novas formas de pensar, ao mesmo tempo em que adentramos nesse universo.

A poesia se coloca como possibilidade de enunciação da subjetividade (do agenciamento, da velhice). Me debruço para esclarecer a parte conceitual, experimento a linguagem criando narrativas para meu objeto de pesquisa, escrevendo as relações que acontecem a partir da minha experiência, traduzindo, criando, construindo um saber, uma história.

---

[2] (...) certamente, eu estava bem desperto agora, meu corpo havia dado uma última volta e o bom anjo da certeza havia fixado tudo ao meu redor, me deitara sob as minhas cobertas, no meu quarto, e colocara aproximadamente em seus lugares, na escuridão, minha cômoda, a escrivaninha, a lareira, a janela que dava para a rua e as duas portas. Mas, por mais que eu soubesse que não me achava nas residências que a ignorância do despertar me houvera por um instante senão apresentado a imagem nítida, ao menos me fizera acreditar sua presença possível, um impulso fora dado à memória; em geral, não procurava adormecer de imediato; passava a maior parte da noite a relembrar nossa vida de outrora, em Combray, na casa da minha tia-avó, em Balbec, em Paris, em Doncieres, em Veneza, em outros lugares ainda, a recordar os locais, as pessoas que ali conhecera, o que delas havia visto, e o que me haviam contado a respeito. (PROUST, 2016, p.11)

A principal questão deste trabalho está centrada no olhar sensível sobre o espaço. A proposta de uma cartografia desenhada a partir do universo das avós resgata, de modo muito particular, um olhar poético que transita entre o esquecimento e a vida.

As coisas banais e corriqueiras dessas senhorinhas ganham importância e se tornam protagonistas na composição dos espaços: um balde, um vaso, um móvel antigo e uma xícara de café são elementos de potência poética e espacial.

Para tanto, apresento-lhes o Livro das Pessoas. Nele, a arquitetura mora na escrita e, as avós, nas costuras do algodão cru.

Senhoras, MULHERES, idosas: lares e histórias.

Resistem na poesia e na vida.



3.1 AS AVÓS E AS CASAS: NARRATIVAS COSTURADAS EM ALGODÃO

CLOTILDE

Os cinzeiros de Clotilde estão cheios de palavras. Palavras que ela acabou se esquecendo com o tempo. Com o sorriso amarelado de nicotina, Clotilde separa seu jogo de jantar para o silêncio do dia 08 de Agosto e lembra que não virá ninguém. Às vezes é preciso esquecer algumas coisas - pensou. Clotilde saiu de casa para ver o mundo; sua árvore rosa ainda permanece na calçada e quando o vento bate, ainda faz o mesmo barulho de 20 anos atrás.

É domingo e o último colibri vem tomar água no seu quintal. Clotilde é a única testemunha de que o mundo inteiro habita sua casa.





LOURDES

Mesmo com o apêndice inflamado, Lourdes ainda tinha disposição para acordarcedo, lavar a roupa e deixar a mesa posta para o café.

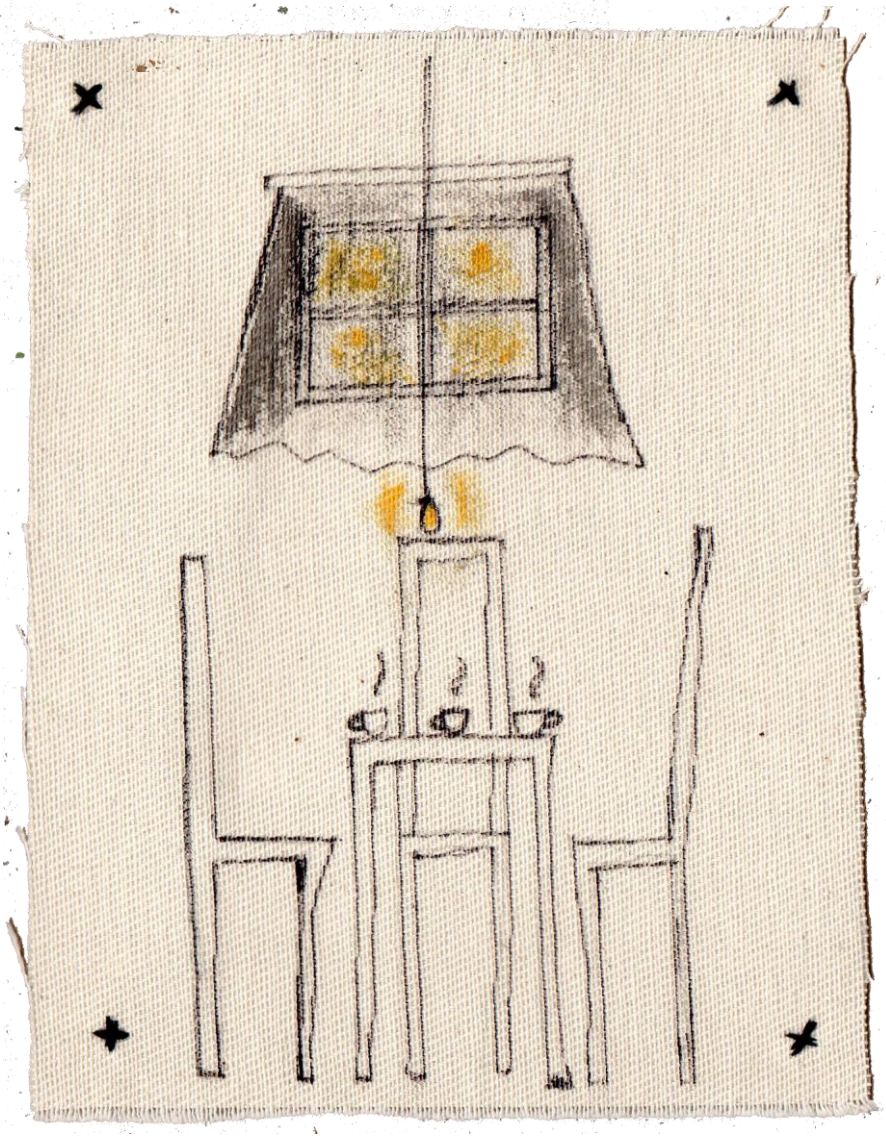
Lourdes contou-me do bem-te-vi que pousara na sua janela pela manhã e do ninho que o vento derrubou e das magias que faz ela ficar de pé todos os dias.

Lourdes mora sozinha, mas todas as manhãs distribui três xícaras sob a mesa esperando que algum de seus filhos venha lhe visitar.

Já faz 11 anos.

- **Perdoa o tempo.**





FRANCISCA

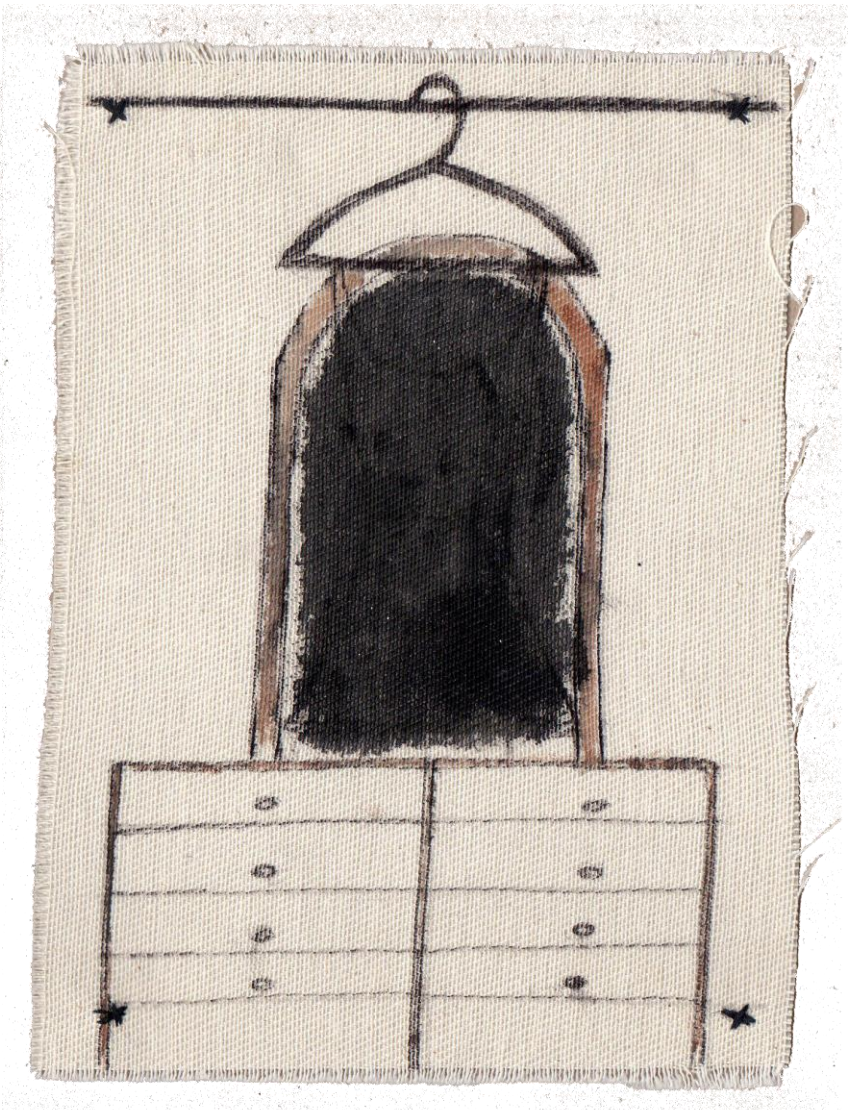
Ontem, em sua simplicidade carregada de sabedoria, Francisca disse para mim que o coração enfraquece com a idade. Enfraquece de tanto sofrer e arrematou dizendo que mesmo assim tinha alegria na vida e nas coisas de tanto amor.

Hoje, Francisca casa-se pela quarta vez.

Com seu vestido branco rendado, se prepara em frente à penteadeira.

Francisca é que é mulher de verdade.





ROSALINA

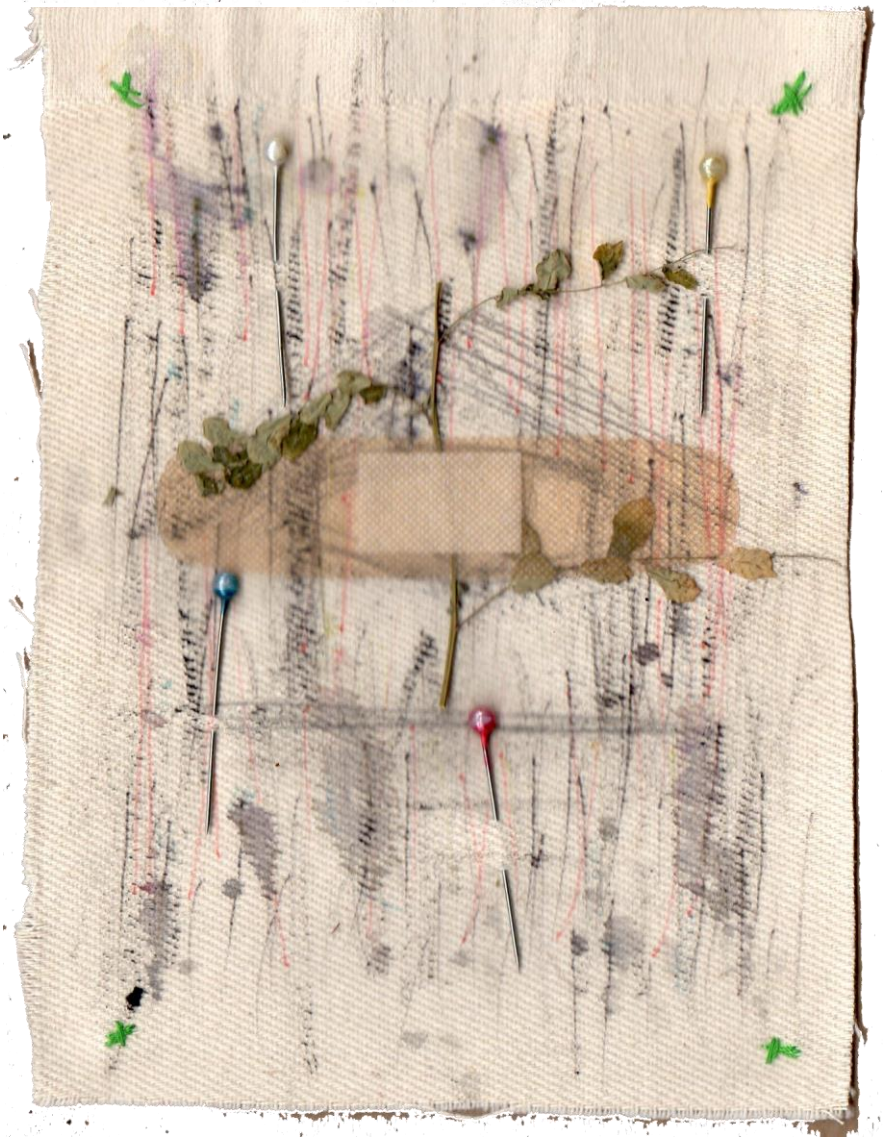
O tempo é um rio que corre. E Rosalina já passou por essas águas.

Hoje relembra o show do Nelson Gonçalves na vitrola e a dor da saudade do marido.

Mas às vezes quando esse ardor da lembrança vem a ela visitar, as lagrimas correm como a chuva.

Esse dia foi uma tempestade.





MARIA

Na casa da Vó Maria tem samambaias no Alpendre e filtro de barro na cozinha.

Tem cheiro de afeto e janelas que abrem sorrisos.

Tem cafuné e fruta do pé, amor em forma de bolo de milho e café.

Tem um monte de coisas, mas principalmente,

SAUDADE.





ISABEL

Na voz de griô da Vó Isabel, Eulália ouvia conselhos para uma vida inteira:

"Talvez você não entenda porquê têm flores que insistem em brotar dos muros, nem eu entendo, talvez seja o amor".

A menina ouvia atentamente; as coisas brotam onde não deveriam para escapar da concretude da palavra.





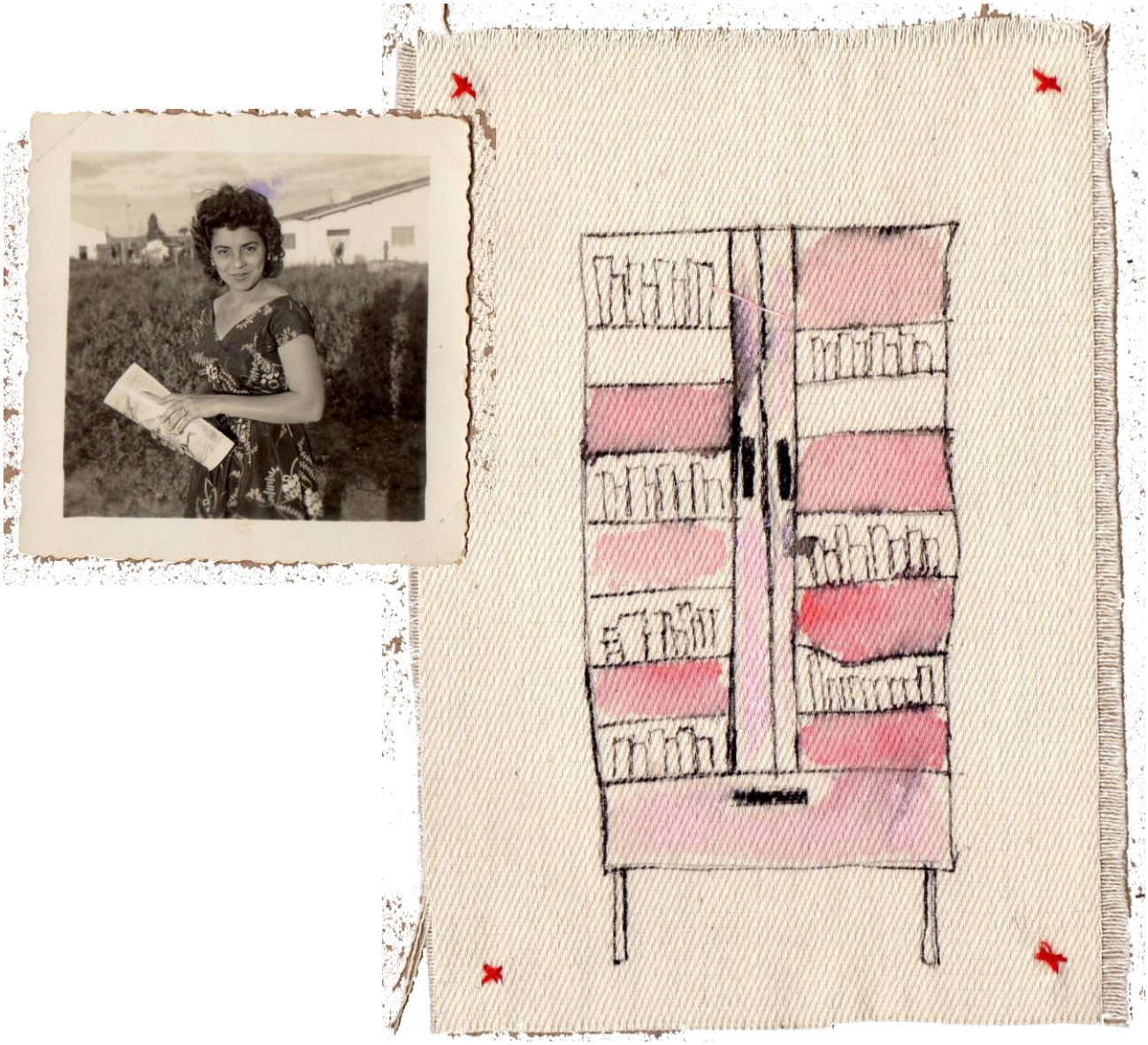
JUREMA

Jurema tem uma linda cristaleira onde guarda seus melhores livros (ela não gosta de jogos de jantar e taças de cristal) prefere Machado, Drummond e Clarice,

Jurema tem uma canção para cada dia do ano.

Exceto domingo.

Domingo é silêncio.



ÁUREA

Áurea acordou, lavou o rosto, colocou o lixo para fora e viu a roseira florescer por de trás do cobogó. Espiou a manhã toda uma nova vida brotar em tons de rosa e azul.

Só queria lembrar que suas pernas foram durante muitos anos o melhor lugar para descansar, e que teu silêncio hoje é maior que teu abraço.

Mas ainda restam as flores e as plantas que te fazem companhia.

Descansa teus olhos.





OLGA

O som das suas gargalhadas é inesquecível e seu café é o melhor que já provei.

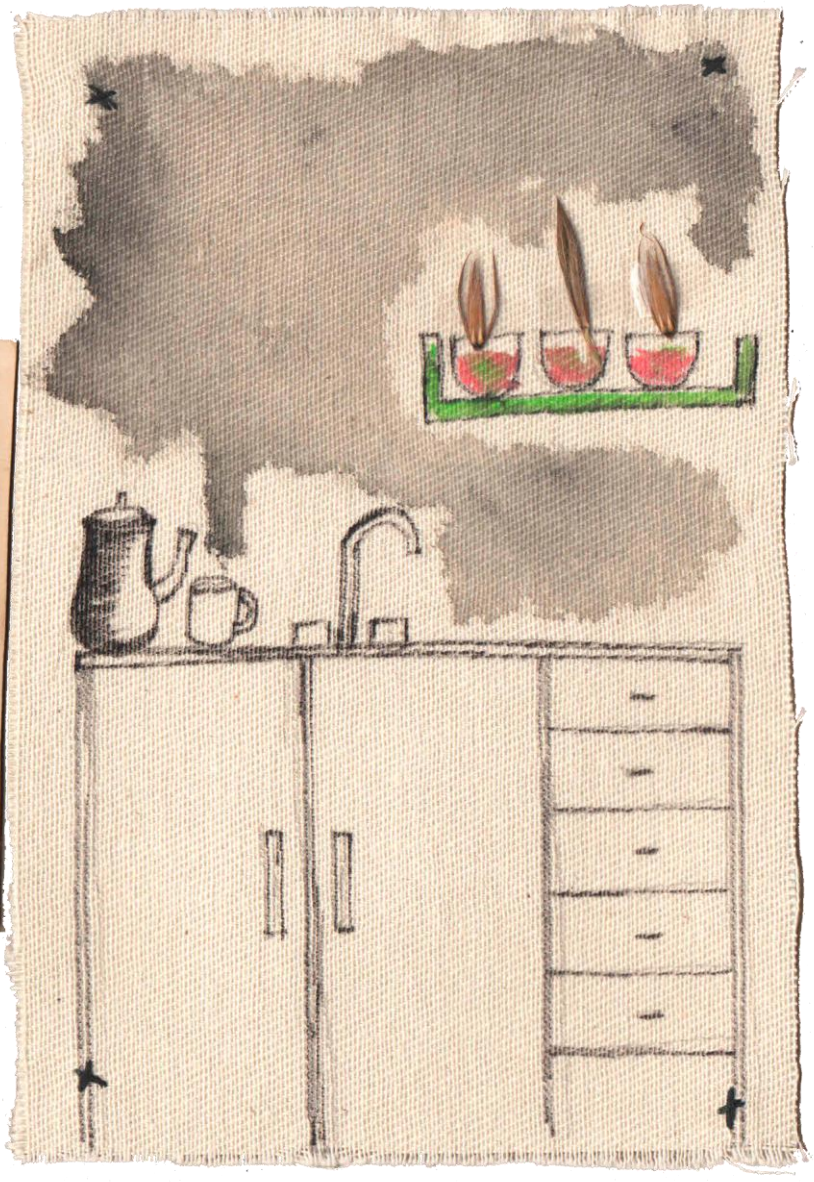
Olga, só queria te dizer que a coleção de bibelôs ainda existe e sua hortinha não deixei um só dia sem aguar.

Mas os dias ainda amanhecem cinzentos.

Je sais nager...

Je sais nager...





ODETE

As pálpebras de Odete não casam de imitar asas de beija-flor enquanto ela tece o casaco de lã mais lindo que já vi.

A janela do quartinho de costura emoldura um fim de tarde amarelo efêmero no céu, e Odete sorri como quem acaba de ganhar um presente,

A vida.



ISAURA

Isaura no emaranhado de nossa conversa soltou:

"Havia manhãs naquele tempo, havia jardins, havia sol, havia vida e nosso único medo era de perder o trem."

- Pensei; os lugares também são finitos, assim como os jardins adoecem.





AMÉLIA

Amélia se lembra dos calendários que já jogou fora e chora calada lavando a louça do jantar.

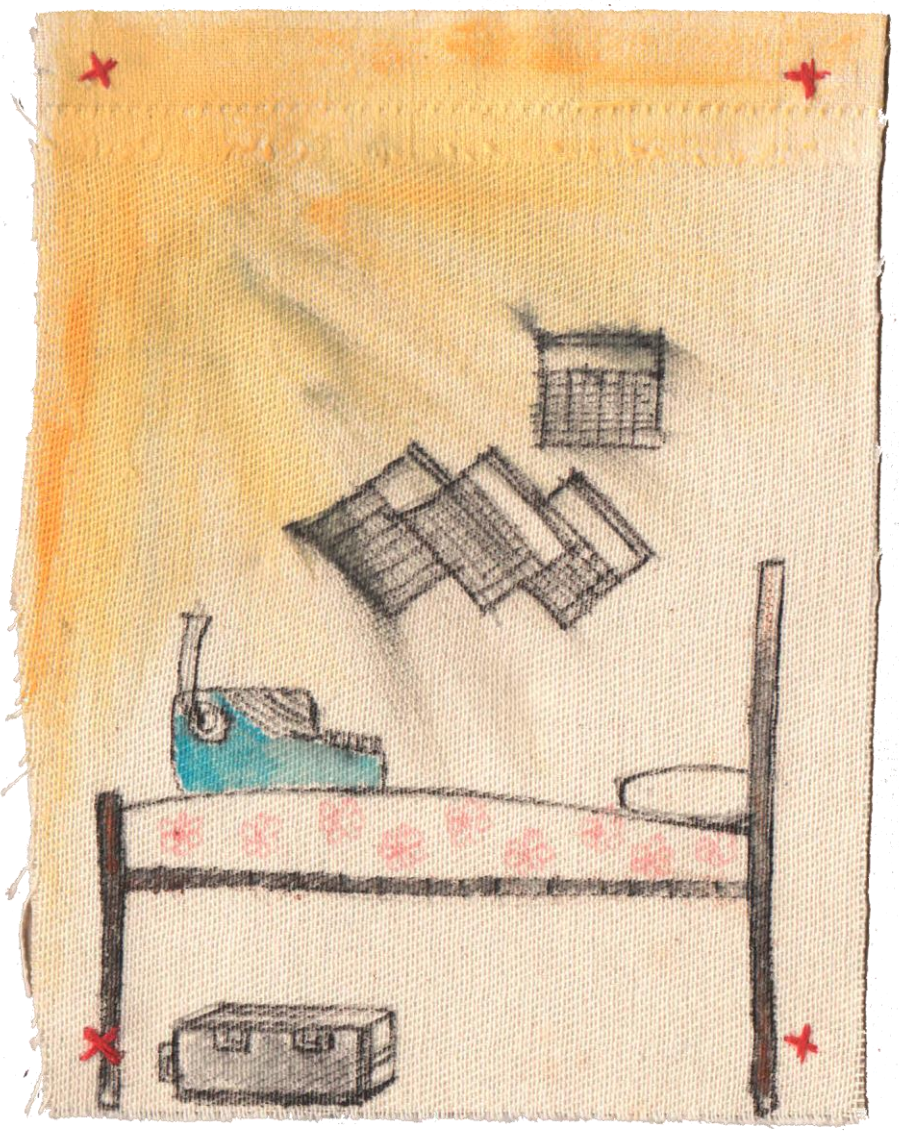
Antes de deitar, Amélia sempre busca recordações na lata de bisoitos que esconde embaixo da cama.

Ainda restam suas mães e a máquina de escrever.

Quando triste, Amélia escreve poemas sobre pássaros que não sabem voar e plantinhas que brotam das calçadas.

Talvez a solidão seja essas coisas que Amélia escreve.





TEREZINHA

- Vá ser pássaro Terezinha!

Manoel disse enquanto ela sorria para a jabuticabeira.

Esse dia o céu era de um azul brilhante.

- Eles estão te esperando. Vá!

E Terezinha foi.

Foi andar nas nuvens e voar no chão.



DIÁRIO AOS 81. ACEITAÇÃO.

Lembro quando você cabia nos meus braços e seus abraços enchiam a casa.

Você sorria pelos olhos e corria até a cozinha para me pedir uma estória.

Hoje abro a janela de madeira da sala para esperar a octogésima segunda primavera.

E você.



Se eu fosse um peixinho, soubesse nadar, iria a Dudinha do fundo do mar

Vó Clide

13 de abril de 2016

ESMERALDA

No livro de química diz que é extremamente sensível a pancadas fortes.

Talvez Esmeralda fosse hoje uma marionete do tempo.

Contenta-se em ficar sentada na sua cadeira de balanço tricotando por todos os dias.

Esmeralda, a tua solidão me dói.



NEIDE

Neide folheia seu livro de receitas enquanto descansa na sua cadeira de palha... Logo seus netos chegarão e a broa tem que estar pronta! A rosca, o bolo, pão de queijo e beliscão!

Neide tem amor em agradar. Em troca desse banquete ela recebe sorrisos, os melhores sorrisos.

Neide disse para mim que Vó é mãe com açúcar.



ALZIRA

Desde adolescência Alzira enxerga muito pouco

Quando Bandolim toca no rádio, Alzira diz que é até maldade que ele toque tão lindo assim.

Alzira carregava muitas pedras nos ombros e as costas já começavam a doer.

Sob o piso de caquinho cerâmico, ela distribui todo seu amor em forma de plantinhas.

Alzira cheira lavanda. E seus olhos parecem cristais.



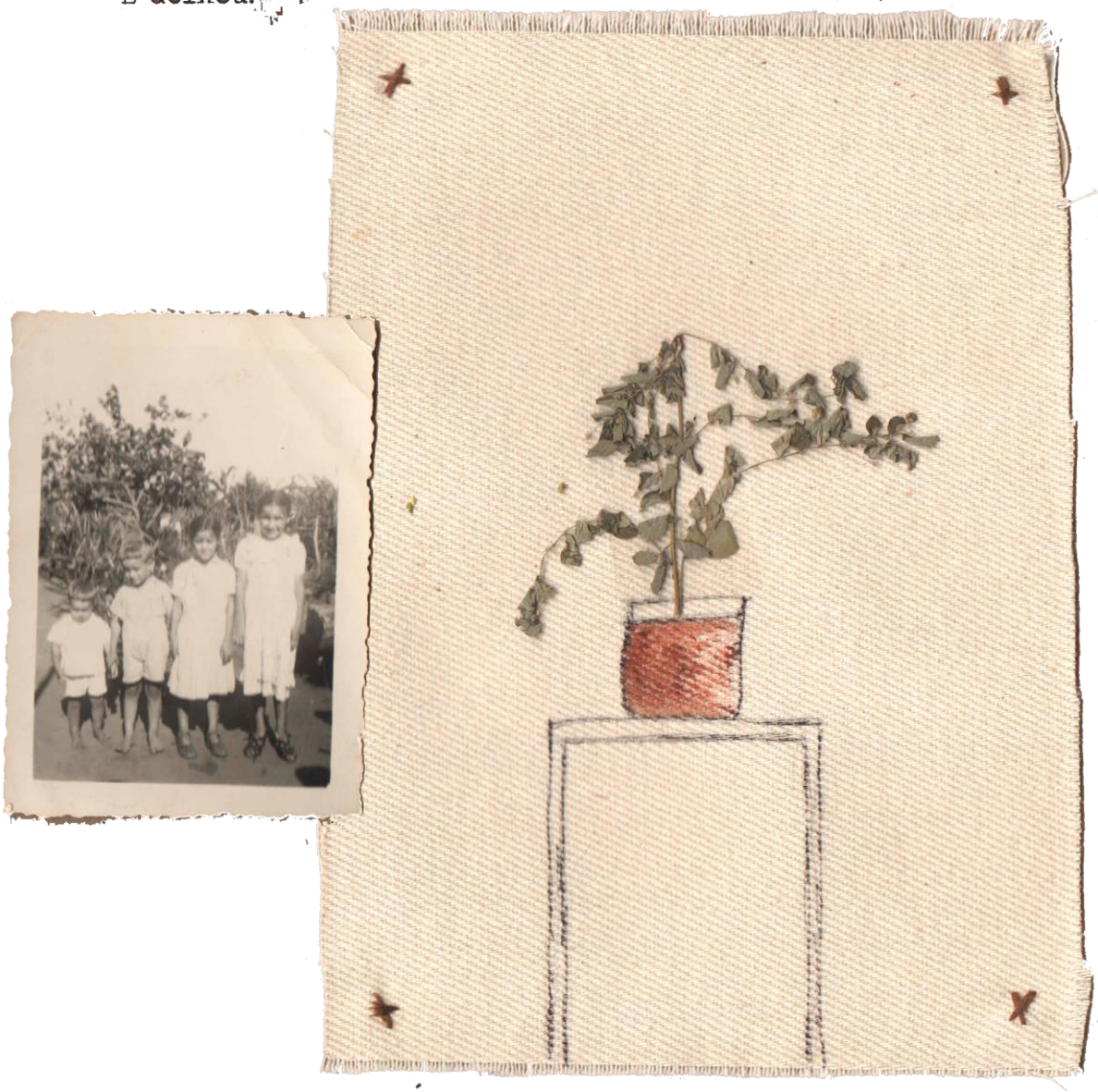
LUZIA

As únicas certezas na vida de Luzia é de que a lágrima e a chuva sempre voltam.

Luzia costura todas as tardes, exceto essa que olhava para as flores murchas no vaso sob a mesa de centro.

Lembrou que jamais as deixaria morrer.

E deixou.



EULÁLIA

No jardim da Vó Eulália tem as plantas que curam e os bons chás de camomila.

Lá já se passaram 72 primaveras.

Tem portas que abraçam e um pôr do sol amarelo - efêmero na rabiola do céu.



DIÁRIO AOS 81. TRANSIÇÃO.

Tenho medo de acabar, de não ver o fim do dia.

Da morte do amor, da tristeza, da dúvida, do desejo.

De não poder ir mais ao mercado, de não saber mais quem eu sou.

Da falta de presença, do esquecimento.

Tenho medo da fala, dos olhares e da renúncia.

- E quando não houver mais raiz,

Quando me desprender

Haverá apenas a memória de uma vida se desfazendo no universo.





JOSEFA

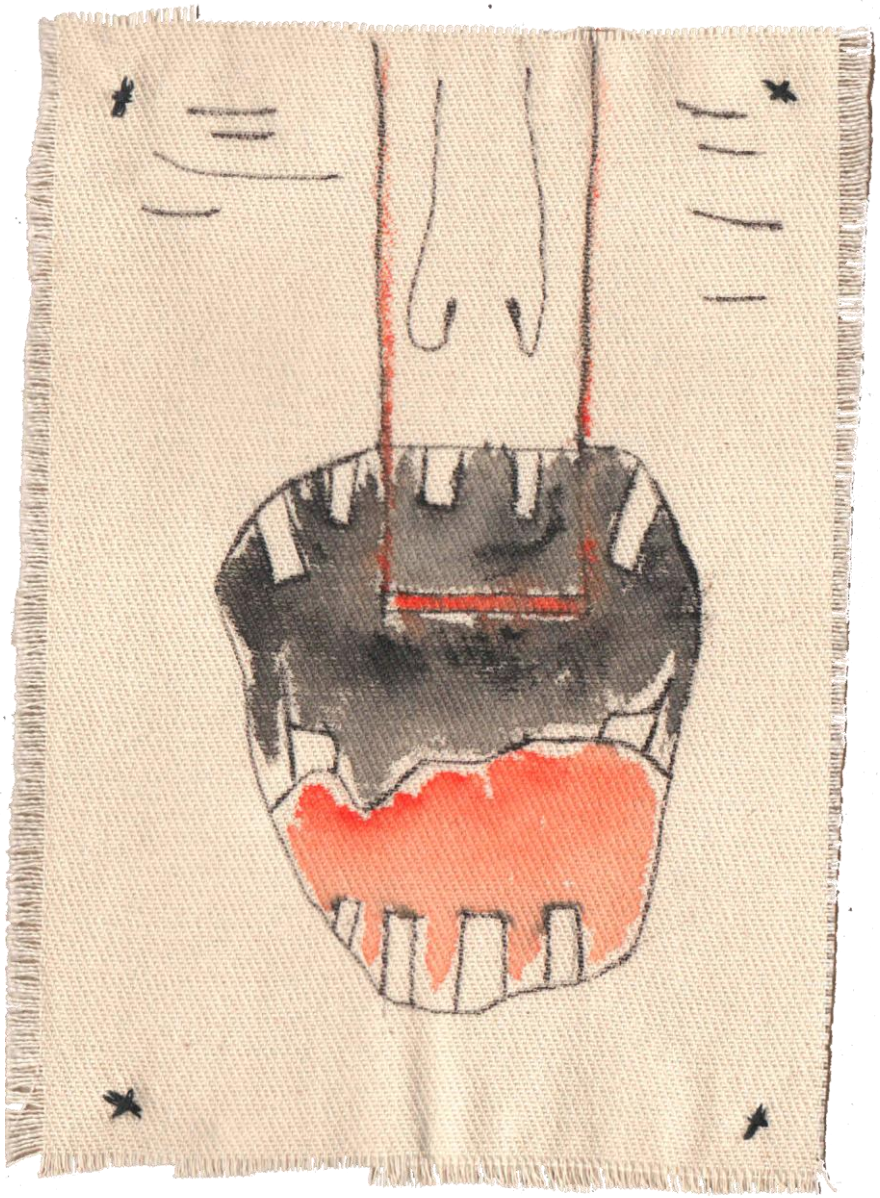
Quando Josefa senta na cadeira do Alpendre, toda sua vida passa como um filme diante dos seus olhos cansados. Talvez porque nunca gritou, nem quando viu a parteira entrando pela cortina de vime, nem quando aqueles olhos de jabuticaba saíram dela.

Depois de 83 anos Josefa gritou

-era a primeira manifestação de vida em anos-.

Gritou de saudade.





CONCEIÇÃO

Conceição guarda a sombra do sabiá debaixo do amendoeira e poemas no varal.

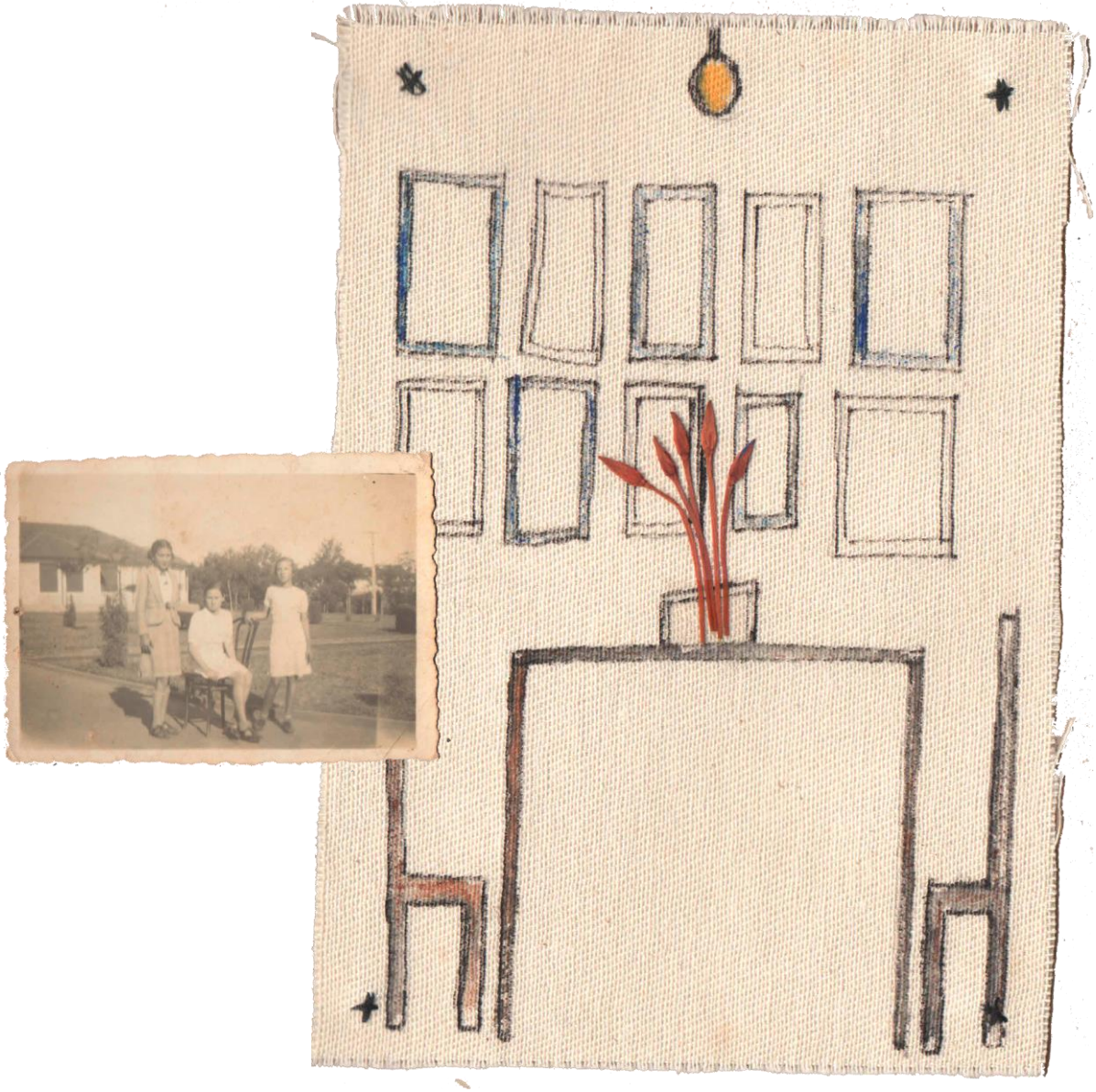
"Conceição veio lá do morro, e vive a sonhar com coisas que o morro não tem".



NORMA

Quando o último tom de azul enfeita o céu, Norma busca explicação nos retratos postos alinhadamente na parede da sala de jantar.

Talvez aquelas imagens sejam dos invernos passados ou dos verões que ela ajudou a fazer, ou talvez seja apenas a ausência que hoje enfeita a casa.



CLEIDE

Vejo-a confiando suas histórias a mim na mesa da cozinha.

Vestida de canções, tem uma vitrola na garganta que ressoa com as melhores notas uma valsinha da Dalva.

Já se passaram 21 anos e ainda estamos juntas.

Minha melhor amiga é também minha Avó.



O processo apresentado propõe um percurso por meio de fotografias, objetos e espaços que permitem uma imersão poética na temática abordada. Despretensiosa do ponto de vista arquitetônico e distante das soluções ideais para a problemática escolhida, a proposta enfatiza a sensibilidade no processo de criação como meio de acesso a um possível re-encantamento do mundo, descobrindo como a velhice é capaz de produzir subjetividade na relação que estabelece entre o corpo e o espaço habitado, transformando deste modo a arquitetura da "casa" num abrigo de memórias.

Os projetos das casas revelam as estórias por meio das singularidades de cada uma das avós. A arquitetura então passa a ser pensada como um dispositivo de afeto, uma vez que vai buscar em cada objeto, planta ou espaço, suas parcelas de memória.

Talvez a maior contribuição deste trabalho seja o fato de possibilitar à arquitetura um retorno à potência do habitar em sua forma mais essencial, e de promover o ato da criação de modo intuitivo e sensível, resgatando a dimensão poética da arquitetura. Para a filosofia, acreditamos que a pesquisa contribuiu na medida em que apresentou um aporte baseado na criação e aprendizagem da relação que a arquitetura, a memória e a velhice causa no espaço e no corpo, capaz de produzir uma subjetividade exteriorizada e uma resistência em suas rugas produzidas pelo tempo.

CONSIDERAÇÕES

Pretendemos, aqui, tecer algumas considerações finais da pesquisa, retomando à reflexão de olhar para a velhice como construção de sentido e saber, por meio dos espaços que habitam.

O mergulho nesse universo fez surgir lembranças que nem mesmo existiam em mim, mas que se desenharam na construção da pesquisa. Essas relações estabelecidas no decorrer do texto construíram saberes em conjuntos sem assujeitar as identidades desses seres.

Os poemas aqui apresentados efetivamente não se decidem em qual lado querem estar: a velhice ou a arquitetura, pois estão caminhando nas linhas cruzadas do rizoma do lar, propondo junto com o leitor uma íntima convivência que existe no espaço poético, criando, possibilidades e aprendizados na condição de cotidianos, problematizando a subjetividade desses seres refletindo a nossa mesmo. Produzimos realidades capazes de forçar a engrenagem da resistência, envergando a máquina que aprisiona nosso *ser-no-mundo.*

Cabe-nos uma pergunta final para fechar todas essas reflexões que abrimos no texto: como devemos pensar a arquitetura neste momento? Creio que ela nos apresenta memórias pessoais e singulariza nosso estar no mundo.

Nesse sentido, a arquitetura é sempre uma história de vida. O espaço de morar reabre a possibilidade de construir saberes pela ferramenta do imaginário, da memória e do corpo, produzindo experimentações que apreendem o espaço, caracterizando, dessa forma, a subjetivação pelos acontecimentos que tangencia.

A velhice apresentada aqui é capaz de criar existências e resistências nas tramas que se desenrolam nessas linhas, expressando o entorno de seus lares. As fotos, os textos e as plantas têm uma relação com a vida. De maneira simples, expressam nossa subjetividade (que não é meramente uma cópia, mas uma criação) e como nos organizamos no mundo.

A vida e a poesia caminham juntas e estão presentes nesses abrigos que chamei de casas de Avós, partindo de experiências comuns em seu poder criadas, a vida como obra... Elas se mostram como resistências nos dias de hoje, armas carregadas de singularidades.

As memórias nos mostraram até aqui que são capazes de reconfigurar esses espaços habitados, pois produzem subjetividades quando cutucadas por uma dança exterior, elas nos mostram que estamos nos agenciando com o entorno a todo o momento, numa constante relação de aprendizado.

Apreendemos o mundo antes mesmo de nomeá-lo.

Aprendemos na relação que estabelecemos com o espaço.

A velhice habita uma pausa no tempo, nessa pausa cabe muitos amores, muitas memórias, muitas casas e infinitas histórias. Essa que contei pode ser uma lembrança minha que nunca existiu ou pedaços das histórias que escutei e acabei costurando nesses papéis.

Essas histórias criaram seres, Avós, que hoje deixam de ser minhas e sussurram para vocês sensações atrás do pensamento.

Como vou explicar uma realidade inventada?
Sofro de velhice antes do tempo.
Pensar é sentir como palavra e escrevê-la é me enraizar.
Eis que de repente vejo que nada sei e apenas pertenço.
Minha casa é no cabelo cinza de minha Avó.



POEMAS INCONJUNTOS

(Alberto Caeiro, Fernando Pessoa).

Seja o que for que esteja no centro do Mundo,
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,
E quando digo «isto é real», mesmo de um sentimento,
Vejo-o sem querer em um espaço qualquer exterior,
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim.

Ser real quer dizer não estar dentro de mim.
Da minha pessoa de dentro não tenho noção de realidade.
Sei que o Mundo existe, mas não sei se existo.
Estou mais certo da existência da minha casa branca
Do que da existência interior do dono da casa branca.
Creio mais no meu corpo do que na minha alma,
Porque o meu Corpo apresenta-se no meio da realidade.
Podendo ser visto por outros,
Podendo tocar em outros,
Podendo sentar-se e estar de pé,
Mas a minha alma só pode ser definida por termos de fora.
Exista para mim - nos momentos em que julgo que efectivamente existe -
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo.

Se a alma é mais real
Que o mundo exterior, como tu, filósofo, dizes,
Para que é que o mundo exterior me foi dado como tipo da realidade?
Se é mais certo eu sentir
Do que existir a coisa que sinto -
Para que sinto
E para que surge essa coisa independentemente de mim
Sem precisar de mim para existir,
E eu sempre ligado a mim-próprio, sempre pessoal e intransmissível?
Para que me movo com os outros
Em um mundo em que nos entendemos e onde coincidimos
Se por acaso esse mundo é o erro e eu é que estou certo?
Se o Mundo é um erro, é um erro de toda a gente.
E cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas.
Coisa por coisa, o Mundo é mais certo.

Mas porque me interrogo, senão porque estou doente?
Nos dias certos, nos dias exteriores da minha vida,
Nos meus dias de perfeita lucidez natural,
Sinto sem sentir que sinto,
Vejo sem saber que vejo,
E nunca o Universo é tão real como então,
Nunca o Universo está (não é perto ou longe de mim,
Mas) tão sublimemente não-meu.

Quando digo «é evidente», quero acaso dizer «só eu é que o vejo»?
Quando digo «é verdade», quero acaso dizer «é minha opinião»?
Quando digo «ali está», quero acaso dizer «não está ali»?
E se isto é assim na vida, porque será diferente na filosofia?
Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o sabermos,
E o primeiro facto merece ao menos a precedência e o culto.
Sim, antes de sermos interior somos exterior.
Por isso somos exterior essencialmente.

Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.
Mas isto como pode ser materialismo, se materialismo é uma filosofia,
Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia minha,
Se isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu?

REFERÊNCIAS:

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças dos velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa. Filosofia prática**. Tradução de Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DELEUZE, Gilles. **Proust e os signos**. Tradução Antonio Piquet e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Introdução Rizoma. Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia**. Vol.1. / Gilles Deleuze, Félix Guattari; tradução de Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1995.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução Eloísa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELEUZE, Gilles e PARNET, Claire. **O Abecedário de Gilles Deleuze**, entrevista feita por Claire Claire Parnet, filmada e dirigida por Pierre-André Boutang. Paris: Vidéo 202 Éditions Montparnasse, 1996. (Transcrição sintetizada, em inglês, por Charles J. Stivale, traduzida para o português por Tomaz Tadeu).

NESBITT, Kate (org.). **Uma Nova Agenda para a Arquitetura**. Antologia Teórica 1965-1995. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

OLIVEIRA, Olívia de. **Lina Bo Bardi: sutis substâncias da arquitetura.** São Paulo: Romano Guerra Editora, Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 2006.

PALLASMAA, Juhani. **Essências**. São Paulo: Editora G. Gili, 2018.

PALLASMAA, Juhani. **Habitar**. São Paulo: Editora G. Gili, 2017.

PALLASMAA, Juhani. **Os olhos da pele: A arquitetura e os sentidos**. 2ª Ed. Porto Alegre: ArtMed Editora, 2005.

ROLNIK, Suely. **Cartografia Sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

TÓTORA, Silvana. **Velhice, uma estética da existência**. São Paulo: Educ, 2015.

ANOMALIAS DO PENSAMENTO



1. **TEMPO:** O tempo perdido não é apenas o tempo que passa, alterando os seres e anulando o que passou; é também o tempo que se perde (por que, ao invés de trabalharmos e sermos artistas, perdemos tempo na vida mundana, nos amores?). E o tempo redescoberto é, antes de tudo, um tempo que redescobrimos no âmago do tempo perdido e que nos revela a imagem da eternidade; mas é também um tempo original absoluto, verdadeira eternidade que se afirma na arte. Para cada espécie de signo há uma linha de tempo privilegiado que lhe corresponde, em que o pluralismo multiplica as combinações. (Deleuze, 2003, p.16).

   O tempo nesta pesquisa é o mapa no qual a velhice se serve para desenhar suas singularidades, é o "entre" onde escapa e retorna, onde escorre ao mesmo momento que tenta cristalizar, é o mapa para a lembrança que retorna no silêncio da sala e o caminho de volta aos netos... O tempo marca a pele e sustenta o corpo, apresenta a dança dos passos lentos ao mundo.

2. **CORPO:** Quando Espinoza propõe pensar o corpo como potência e Deleuze retoma esse pensamento em seu livro "Filosofia Prática", o pensamento se une à vida, trata-se de nos mostrar que o corpo ultrapassa o conhecimento que dele temos, percebemos que o corpo é um mar de sensações, lugar receptivo aos afetos que atravessam (plural ao mundo exterior). Essa recepção o torna mais forte, como também pode o enfraquecer, basta para qual motivo ele realmente deseja se abrir, como quando experimenta o entorno, o corpo devolve essa experimentação na maneira como ele se abriga no espaço.

   Quando propomos pensar o corpo neste estudo, estamos conversando com o corpo que é atravessado pelo tempo (velhice), ele nos mostra sua potência de experimentar o espaço de uma maneira diferente, pois cria condições para se sustentar pelas memórias que carrega consigo. O corpo abriga as memórias que o tempo guardou. Ele apresenta a velhice ao mundo através de suas marcas, revela o tempo vivido, a força, a fragilidade, o suporte.
   Afeta e é afetado. O corpo é a máquina do saber – o corpo experimenta.

3. **SIGNOS:**
   O signo é a força que nos move a pensar, a buscar uma resposta, é o que nos instiga a procurar uma solução, ou seja, os signos são objetos de aprendizado e o objetivo é a interpretação desses signos, buscando seu sentido. É como se eles fossem uma qualidade que existe em qualquer matéria, pode ser num corpo, numa rachadura, num tapete... Os signos são as forças que dialogam com nossa existência. Signo é sempre um efeito (vestígio de um corpo que foi atravessado por outro) – Exprimem nosso estado num momento do tempo. Ex.: O CALOR DO SOL QUEIMA MINHA PELE.

   O calor é o estado do corpo (afecção) = experiência, ideias.
   A queimadura é a variação da potência (o afecto) = resposta do corpo que obteve a experiência.

AFETO [AFECTOS]:

Afecção remete a um estado do corpo afetado e implica a presença do corpo afetante, ao passo que o afeto remete à transição de um estado a outro, tendo em conta variação correlativa dos corpos afetantes (DELEUZE, 2002, p. 56). As afecções são o corpo afetado pelo mundo, o encontro de um corpo com outro, sofremos uma alteração, uma passagem, nossa potência aumenta ou diminui. Destas afecções, ocorrem os afetos, uma experiência vivida, é uma transição. Um afeto de alegria ocorre quando uma afecção nos leva para uma potência mais próxima de nós mesmos e do mundo, ou seja, quando temos um bom encontro (e vice-versa), assim elevamos nossa potência de afetar e ser afetado, afetar é gerar esses bons encontros.

PERCEPTOS:

Não há perceptos sem afectos. Tentei definir o percepto como um conjunto de percepções e sensações que se tornaram independentes de quem o sente. Percepto seria essa potência de duração da pessoa com o mundo, em termos das sensações que se obtém por estar de determinado modo no mundo.

Os perceptos são os blocos de sensações criados a partir dos signos / afectos, ou seja, as criações que são produzidas a partir das experiências.

4. **AGENCIAMENTO:** O agenciamento é o cofuncionamento, é a "simpatia", a simbiose. (...) é isso agenciar: estar no meio, sobre a linha de encontro de um mundo interior e de um mundo exterior. (DELEUZE, 1998, p. 43 e 44).

É como se as coisas dialogassem e desejassem ao mesmo tempo a mesma coisa (um desejo em conjunto), por ex.: a casa, a velhice e os objetos se agenciam quando o corpo é tocado por uma força exterior (um acontecimento) que o potencializa.

5. **LUGAR:** Para o geógrafo Milton Santos (2012, p. 163), "O lugar é a oportunidade do evento. E este, ao se tornar espaço, ainda que não perca suas marcas de origem, ganha características locais. É como se a flecha do tempo se entortasse no contacto com o lugar. O evento é, ao mesmo tempo, deformante e deformado". Ou seja, é entender que o espaço só possui sentido quando habitado por algo ou alguém. Para a professora Lucrécia Ferrara (2002, p.18), não se trata do lugar antropológico carregado de memória histórica, mas do lugar como agenciador do diálogo entre signos do passado e do presente. Para Pallasmaa (2017), lugar é a identidade do homem e para nós o lugar é abrigo, onde a casa vira lar e a vida acontece.

Para nós, lugar é onde nos sentimos abrigados, na condição de casa é o lar, na condição do espaço de convívio é onde acontecem os bons encontros. *Lugar é arquitetura materializada.* Lugar é território onde os encontros acontecem. É almoço no domingo, jogatina na praça, é o banco na varanda, é onde dá sentido, onde se pode experienciar.

6. **PASSADO:** O passado tal como ele é em-si, coexiste, não sucede ao presente que ele foi. (DELEUZE, 2003, p. 54).

   A velhice carrega um passado que coexiste consigo mesmo enquanto presente, ou seja, o passado é sempre uma parte deles que habita no presente. O passado é onde a velhice retorna para uma última valsa, um último chá, um último sorriso, *ele se faz no presente como retorno*.

7. **SUBJETITIVADE:** Não é o sujeito que explica a essência, é, antes, essência que se implica, se envolve, se enrola no sujeito: Mais ainda: enrolando-se sobre si mesma ela constitui a subjetividade. (...) talvez as essências tenham, elas próprias, se aprisionado, se envolvido nas almas que elas individualizam. (DELEUZE, 2003, p. 41).

   É quando conversamos com nossa essência e, também, nesta pesquisa, é quando nos exteriorizamos na casa inventando uma poética, pois as palavras já não traduzem, apenas o sentimento comunica, chamamos isso de experiência subjetivante: a imaginação é forçada para significar, entretanto, é confrontada pelo sensível para então se *criar*.

8. **HABITADO [HABITAR]:** Aprender não é somente ter hábitos, mas habitar um território. Habitar um território é um processo que envolve o "perder tempo", que implica errância e, também, assiduidade, resultando numa experiência direta e íntima com a matéria. Não basta o decorrer do tempo cronológico, embora a repetição da experiência ao longo do tempo seja uma condição necessária. O habitante de um território não precisa passar pela representação. O habitar resulta numa corporificação do conhecimento. (KASTRUP, 2001, p. 22).

   Habitar é fazer parte de algo, um espaço quando *habitado* torna-se mediador de acontecimentos, um lugar. Habitar envolve "perder tempo", experienciar, sentir, entender... Também errar... Também repetir, mas como condição necessária e não como rotina, habitar não representa, ele resulta num acontecimento.

9. **PÓS-MODERNO:** Pós-moderno aqui é tratado pela autora Nesbitt (2006, p.16), "não como um estilo singular, mas, antes, a percepção de integrar um período marcado pelo pluralismo". Compreendemos aqui um novo olhar da arquitetura em busca de identificar a relação com o corpo, passando a usar o corpo como medida para identificar a qualidade do espaço por meio do sentimento que esse vivencia e produz significado sobre, tornando o espaço um lugar habitável.

10. **MEMÓRIAS:** Memória voluntária: A memória voluntária vai de um presente atual a um presente que "foi", isto é, a alguma coisa que foi presente mas não o é mais. (...) essa memória não se apodera diretamente do passado: ela o recompõe com os presentes. (DELEUZE, 2003, p.54)

Memória involuntária: A Memória involuntária parece, a princípio, basear-se na semelhança entre duas sensações, entre dois momentos. Mas, de modo mais profundo, a semelhança nos remete a uma estrita identidade: identidade de uma qualidade comum às duas sensações, ou de uma sensação comum aos dois momentos, o atual e o antigo. (...) A memória involuntária tem, porém, uma característica específica: ela interioriza o contexto, torna o antigo contexto inseparável da sensação presente. Ao mesmo tempo que a semelhança entre os dois momentos se ultrapassa em direção a uma identidade mais profunda, a contiguidade que pertencia ao momento passado se ultrapassa em direção a uma diferença mais profunda. (DELEUZE, 2003, pgs. 56 e 57).

A memória nesse contexto funciona como uma passagem, ou seja, conseguimos acessá-la no passado, porém com a diferença do presente. Ela não é monumento (arte), mas a fabulação a partir dela (experiência), ela é capaz de criar uma sensação nova, a partir do existente. Memória na velhice é lugar onde pode se refugiar ou ir até momentos bons, reencontrar pessoas, contar histórias... é incontrolável, por vezes acessada até sem vontade, mas sempre recriada no presente.

11. **MULTIPLICIDADE:** As multiplicidades são conjuntos de singularidades. (DELEUZE, 1996) **Não tem sujeito, nem objeto, mas, determinações, grandezas, dimensões, a multiplicidade é uma produção de territórios. Produz-se pensando *com* e não pensando *como*.**

12. **ESPAÇO:** É o suporte para que as coisas aconteçam. Quando alguém passa a habitá-lo esse espaço torna-se lugar, pois ganha pertencimento e sentido.

    O espaço compõe o tecido da experiência.

13. **EXISTIR:** O poder de existir é uma potência (DELEUZE, 1968).
    A potência é a força do movimento do corpo de tangenciar os agenciamentos, ele é plural no sentido de que é constituído por relações de troca, então conforme esses corpos se interagem (na pesquisa; o corpo, a memória, o objeto e a casa) compõem os modos de existência, criando e recriando mundos.

14. **CRIAÇÃO [INVENÇÃO DE SI]:** Aprender não é adaptar-se a um meio ambiente dado, a um meio físico absoluto, mas envolve a **criação** do próprio mundo. Inventar a si mesmo para se descobrir e redescobrir, na velhice é a descoberta do tempo, da fragilidade e da força como potência criadora, como resistência as normatizações.

15. **ACONTECIMENTO:** É como uma ruptura, uma inversão do fluxo, aquilo que há de novo na repetição... Uma insistência no tempo. Só pode ser apreendido no instante em que acontece; desse modo não se podem construir definições, daí ser atributo verbal *acontecimento*, pois é sentido e só é pego pelo pensamento.

16. **SINGULARIDADE:** A resistência dá forma à singularidade. É o potencial da força, pois não se deixa envergar pela normatização, vai de encontro com a criação e a vida, contraria as forças de captura e de morte. É um modo de produzir existência, produção de si mesmo, duplo movimento: o de sua desconstrução e o de sua reconstrução enquanto singularidade.

17. **RESISTÊNCIA:** A arte é resistência. (...) quer dizer, não há arte que não seja uma liberação de uma força de vida. (...) criar é resistir efetivamente. (DELEUZE,1996). Resistência como máquina de guerra ao pensamento dominante, às prisões da mente, ao tempo. A resistência na velhice se dá quando as mãos que tremem, são as mesmas que curam.

18. **LINHA DE FUGA:** "(...) é sempre sobre uma linha de fuga que se cria, não é, é claro, porque se imagina ou se sonha, mas, ao contrário, porque se traça algo real, e compõe-se um plano de consistência. Fugir, mas, fugindo, procurar uma arma" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 158).

    Desterritorialização, rupturas, acontecimentos que saem do eixo habitual, linhas que se prolongam até se quebrarem para depois se transformarem em *outras-novas,* ações desejantes, experimentação do pensamento, *criação*.

19. **DIFERENÇA:** A repetição torna a diferença possível. É pela repetição que o esquecimento se torna possível e é pelo esquecimento se tornar possível que a ação é alterada e o singular se mostra como novidade do imprevisível. A diferença é como fazer a língua gaguejar para criar uma nova a partir da que já existe (assim a frase cresce pelo meio), é como sentar-se na cadeira almofadada até o assento se modificar criando uma curvatura.

20. **REPETIÇÃO:** Só produzimos uma coisa de novo com a condição de repetir uma vez do modo que constitui o passado e outra vez no presente da metamorfose. E o que é produzido, o absolutamente novo, é, por sua vez, apenas repetição (DELEUZE, 1968, p. 138).

21. **ESTÉTICA:** Trata-se de compreender o pensamento e a arte como potência do afecto, como resistência. Modo de expressão – *experimentação* -, instrumento do pensamento, não mais como uma reflexão, mas como uma criação. Não se trata de representar, mas de compor com o que vem de fora.

22. **SENTIDO:** Não se trata de verdade ou falsidade, trata-se de sentido! Um problema tem de ter um sentido. (DELEUZE, 1996). **São as relações afetivas que nos dão suporte para produzir uma solução as problemáticas. O sentido é o que torna possível as expressões.**

23. **DOBRA:** É preciso conseguir dobrar a linha, para constituir uma zona vivível onde seja possível alojar-se, enfrentar, apoiar-se, respirar – em suma, pensar. Curvar a linha para conseguir viver sobre ela, com ela: questão de vida ou morte (DELEUZE, 1992, p. 138).

Lugar onde o acontecimento se prolonga, onde a vida se modifica para se reconstituir.

24. **POTÊNCIA:** A vontade de potência, ao mesmo tempo, configura e é configurada pelas relações de forças; portanto, afeta, bem como é afetada nessas relações. Espinosa trabalha as forças como potência: o poder de existir é uma potência (DELEUZE, 1968). **São as afecções que modulam o modo qualitativo da potência de um corpo. A potência refere-se ao exercício de criação e produção.**

25. **ARQUITETO DE SI E DO MUNDO [VELHICE]:** Quando se é velho, a ideia do que deseja fazer fica cada vez mais pura, no sentido de que fica cada vez mais refinada. É exatamente como as famosas linhas de um desenhista japonês. Linhas muito puras. Parece não ter nada, só uma linha muito fina. Eu só posso conceber isso como o projeto de um velho. Algo que seja tão puro, tão nada, mas, ao mesmo tempo, seja tudo, seja tão maravilhoso! Para conseguir alcançar esta sobriedade, só depois de muito tempo de vida. (DELEUZE, 1996).
É desenhar-se nas linhas puras, conhecer a si mesmo e mostrar-se ao mundo como potência.

26. **POÉTICA DO ESPAÇO:** Arquitetura do lar, onde o espaço cria sentido e feições do morador.

27. **NARRATIVA:** Para Benjamin, (1992, p. 2013), metade da arte narrativa está em evitar explicações, o extraordinário e o miraculoso são narrados com exatidão, mas o contexto psicológico da ação não é imposto ao leitor. Ele é livre para interpretar a história como quiser, e com isso o episódio narrado atinge uma amplitude que não existe na informação.

Nessa pesquisa buscamos contar estórias permeadas de aventuras e de afetos comuns às casas de Avós, para que o leitor possa se sentir parte do lar que tanto falamos. Essa experiência confere o conhecimento do mundo, das pessoas, da vida. Sem experiência não há o que narrar.

28. **FILOSOFIA PRÁTICA:** A filosofia prática de Spinoza (2002) vem da sua tese mais conhecida: paralelismo, em que a alma e o corpo estão no mesmo nível de saber, e nenhuma transcende a outra. O que é paixão do corpo também é paixão da alma e vice-versa.

29. **ATRAVESSAR:** Cortar no meio, invadir, tirar do eixo habitual. Afecto.

Durante a pesquisa, as Avós atravessaram-me como um vagão sem freios num trilho hostil, a ponto de perder o controle. Minhas mãos entraram em delírio e como quem narra a vida, me entreguei à escrita dessas estórias; nesse instante o papel mudou minha memória.

30. **ENCONTROS:** **“**Quando um corpo encontra outro corpo, uma ideia outra ideia, tanto acontece que as duas relações se compõem para formar um todo mais potente, quanto que um decompõe o outro e destrói a coesão de suas partes. (...) Mas nós, como seres conscientes, recolhemos apenas

os efeitos dessas composições e decomposições: sentimos alegria quando um corpo se encontra com o nosso e com ele se compõe, quando uma ideia se encontra com a nossa alma e com ela se compõe; inversamente, sentimos tristeza quando um corpo ou uma ideia ameaçam a nossa própria coerência" (DELEUZE, 2002, p.25).

Quando nos conectamos com algo ou alguém, podemos ter bons encontros ou encontros ruins, eles podem elevar nossa potência como diminuí-la. Um bom encontro pode ser com um objeto, uma música, um quadro ou um abraço, quando isso ocorre a capacidade de agir do corpo é afetada produzindo assim essências.

31. **ESTRANHAMENTO:** Rompimento das nossas espacializações cotidianas para criar outras novas. É como ser estranho a algo que está habituado, e a partir desse estranhamento criar algo, ou seja, percorrer um novo caminho que foi aberto pela força do estranhamento. Não se trata de representar, mas delirar na diferença.

32. **RIZOMA:** Um rizoma não começa nem conclui, ele se encontra sempre no meio, entre as coisas, inter-ser, intermezzo. A árvore é filiação, mas o rizoma é aliança, unicamente aliança. A árvore impõe o verbo "ser", mas o rizoma tem como tecido a conjunção "e...e...e..". Há nesta conjunção força suficiente para desenraizar o verbo ser (DELEUZE;GUATTARI, 1995). É um sistema aberto onde os caminhos se entrecruzam a todo o momento para acompanhar um processo, não tem começo nem fim, só meios, como uma paisagem que muda a todo o momento.

33. **TERRITÓRIO:** O território é feito de fragmentos descodificados de todo tipo, extraídos dos meios, mas que adquirem a partir desse momento um valor de "propriedade" (...) O território cria o agenciamento. O território excede ao mesmo tempo o organismo e o meio, e a relação entre ambos. (DELEUZE;GUATTARI, 1997, p. 193)

Um território não se restringe a um local físico, ele pode ser relativo ao espaço vivido como ao lugar que de conforto, pode se desterritorializar a qualquer momento, pois não tem fronteiras.

34. **PERTENCIMENTO:** **Lugar onde se pode chamar de abrigo/lar. Pertencer é retornar ao mais íntimo do ser.**

35. **IDENTIDADE [VIDA]:** **A vida é a capacidade de força (um fôlego),** e a identidade, a resistência (fator subjetivador). É como **satisfazer-se em ser**, apenas isso, no mais puro sentido.

Uma flor nasceu na rua!
Passem de longe, bondes, ônibus,
rio de aço do tráfego.
Uma flor ainda desbotada
ilude a polícia, rompe o asfalto.
Façam completo silêncio,
paralisem os negócios,
garanto que uma *flor nasceu.*

(Drummond)

